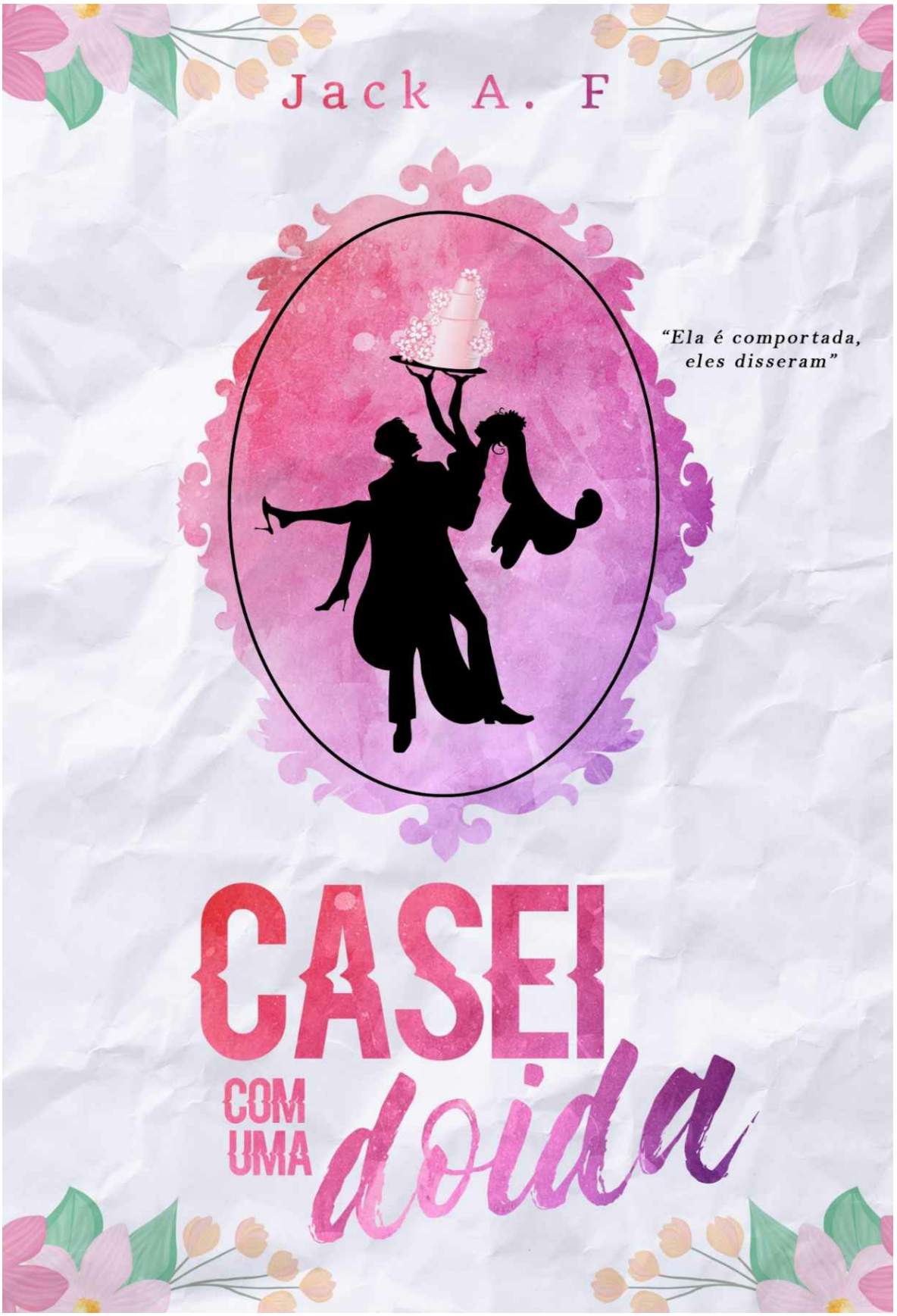
Jack A. F



"Ela é comportada, eles disseram"

CASEI COM UMA *doida*

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Jack A. F.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Gisa R. Costa

Capa: L. A. Capas

Diagramação Digital: Natalia Saj — NS Capas

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Edição Digital | Criado no Brasil

Brasília — DF 1º Edição

Janeiro de 2019

PERIGOSAS ACHERON

Um homem cercado por ensinamentos machistas por toda a vida, tendo como espelho os ensinamentos do pai, sendo ele um homem rude, preconceituoso e que nem de longe, saberia como tratar uma mulher. Sérgio, que sempre levou uma vida desregrada e sem sentimentos em relação a mulheres, se vê de uma hora para outra em uma corda bamba quando é avisado, isso mesmo, avisado de seu próprio casamento com Rebeca.

Um casamento arranjado pelos pais de ambos com a única finalidade de produzirem herdeiros e tornar ainda mais forte o vínculo com o negócio de ambas as famílias.

"Ela é comportada" eles disseram,

"Uma garota recatada" eles disseram.

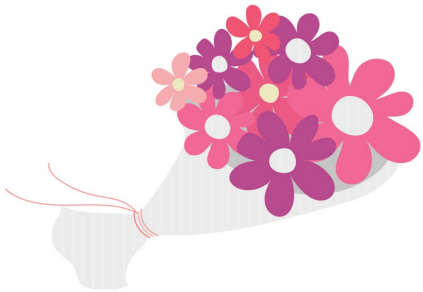
"Não vai te dar trabalho" eles disseram, e foi bem isso mesmo, até aquele bendito:

— Sim. Eu aceito.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Epílogo

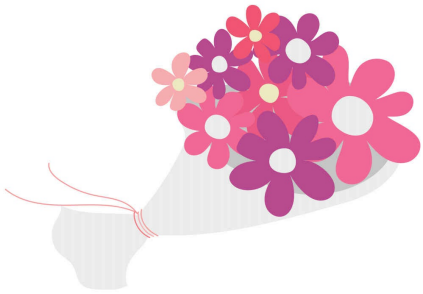
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SURPRESA!
Agradecimentos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Desde cedo, Sérgio aprendeu que o mundo era dele, sempre teve tudo do melhor e mais caro que o dinheiro podia comprar. Seus pais não poupavam esforços para dar coisas ao seu filho, mas infelizmente, era só o que ele recebia, coisas.

Sua mãe, que vivia viajando, certo dia não voltou mais. Depois de três anos longe, apareceu grávida pedindo o divórcio, nem ao menos quis saber do filho. Sendo assim, Sérgio cresceu aos cuidados de diferentes babás. Foi educado e direcionado por um pai omisso, que mais se assemelhava a um general, distribuindo suas ordens e conselhos machistas sobre como ser um homem.

“Homem não chora!”

“Pare já de me fazer passar vergonha!”

“Não vem com essas boiolagens de beijos e abraços, homem não faz essas coisas!”

“Não confie nas mulheres, nenhuma presta, só querem te ferrar!”

Sérgio então tornou-se um homem frio, não aprendeu a demonstrar sentimentos bons e nem respeitar o próximo como igual. Ele não virou um sargentão como o pai, mas em compensação, se fechou para relacionamentos de todas as formas, sempre incomodado por não saber externar o que sentia.

No auge de seus vinte e oito anos, teve apenas uma namorada. Um relacionamento estritamente profissional, uma vez que a empresa estava criando laços para expandir os negócios. Laura era uma garota fútil, que não pensou duas vezes em quebrar as regras do contrato, sendo flagrada em um momento bem íntimo, e não era com o seu namorado.

O que sabia sobre a vida sexual, aprendeu em bordéis de luxo acompanhado dos diretores mais importantes do seu meio empresarial, ou seja, mais relacionamentos vazios e sem significado. Ele não precisava sequer beijar a mulher, apenas se aliviar e voltar para casa.

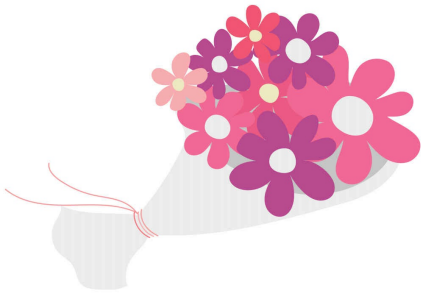
O pai se casou novamente com uma mulher vinte anos mais nova, que passava todo o tempo

livre se oferecendo para Sérgio. Ele criou raiva e nojo da madrasta, acreditando no ditado de seu pai e subjugando as mulheres como uma raça que não presta e que não são dignas de confiança.

Hoje, aos trinta, recebeu uma notícia que não o deixou muito animado, mas acatou sem reclamar, como sempre fazia quando seu pai ordenava. Iria se casar com Rebeca Gonçalves Lins, filha de um dos amigos de seu pai, fundador sênior da Oliveira & Lins Brasil, uma empresa voltada a diferentes ramos dentre eles, vestuário, marketing digital e uma importante editora de livros e revistas.

Um casamento arranjado, era somente isso. Caso não desse certo, eles assinariam o divórcio e ele faria o que fosse preciso para ficar com tudo.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

S É R G I O

— Vamos nos encontrar às vinte horas na casa do Lins Sérgio. Leve as flores que mandei sua secretária comprar, a garota vai gostar. Não precisa dar muita atenção a ela, Roberto me falou que ela é obediente e sabe se comportar — escuto meu pai me falar pelo telefone.

— Certo pai, estarei lá.

— Ótimo.

Não é possível, depois de tantos anos afirmando que casamento não valia para nada, ele agora me força a casar com essa mulher que nem conheço direito. “Ela é obediente e comportada”, desdenho. Como se ela fosse um animal selvagem.

Bebo meu Martini com gelo enquanto encaro o mundo lá fora pela janela do meu escritório. Estou com a cabeça cheia e ele me vem com mais essa. O que eu vou fazer com uma esposa? Espero que ela

não me encha o saco e nem gaste rios de dinheiro com idiotices. Não teria paciência para aturar uma desavergonhada que exibisse seus amantes para todos verem.

Ela é domesticada, Sérgio, seu pai sabe o que faz. Precisamos manter os negócios de nossas famílias, como filhos únicos, tudo recai sobre mim e Rebeca. Ou faço isso, ou terei que ver meu império sendo dividido e destruído por algum babaca conquistador que se casar com essa garota, já que nossas famílias são sócias. Dos males, o menor.

Nunca a tinha visto, nos conhecemos neste dia, fomos apresentados pelos nossos pais, eu até que aprovei a aparência da mulher. Recatada, tímida, não falou muito durante o jantar, nem ergueu seus olhos com expectativa para os homens presentes. Um belo e contido sorriso sem muita maquiagem e nenhum decote que deixasse os meus pensamentos masculinos perturbados.

— Gostou dela? — meu pai questiona quando estamos saindo da casa.

— Sim. Pareceu mesmo bastante comportada.

— E é! Roberto me disse que além de nunca ter dado trabalho a ele, ela não é dada a estudos. Mulher boa e mulher burra. Ela não vai ter argumentos para usar contra você e será facilmente convencida das suas vontades.

— Pai, eu ainda não entendo a razão desse casamento. Vocês já são amigos e parceiros de trabalho há anos, não tem necessidade disso.

— Ê rapaz! Não me questione. Apenas obedeça — ele me repreende, como se ainda fosse um adolescente.

— Esse é o medo de Roberto. Não tem filho homem para tocar tudo que ele construiu na vida, casando vocês dois, você herdará tudo e seus filhos eternizarão seu legado, ou melhor, o nosso legado. Entende agora?

Essa maluquice deve mesmo fazer sentido na cabeça deles, fico pensando em como produziremos filhos se nem tive vontade de tocá-la, nenhuma atração mínima eu senti fluir entre nós dois.

Rebeca me pareceu mais uma freira de tanto que se resguardava, completamente coberta de roupas, maquiagem de defunto e comportamento de robô.

Eu estou feito na vida agora, espero que não seja ciumenta, apesar de não me interessar muito neste momento, vez ou outra gosto de receber atenção de uma garota e dela..., bem, me parece que não vai rolar.

Enquanto dirijo o carro de volta para meu apartamento, fico imaginando como será a vida de casado. Vejo-me chegando em casa, minha mulher na cozinha preparando o jantar e meus filhos devidamente limpos e arrumados em fila para me cumprimentar.

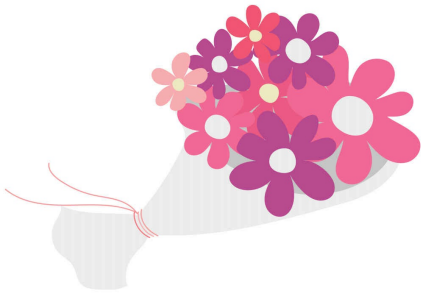
Dois meninos, para tocar os negócios e uma menina para casar com algum de meus amigos empresários, já está de bom tamanho. Depois, minha esposa entraria na onda das cirurgias plásticas até ficar sem nenhuma expressão facial e o corpo de Barbie, daquelas que quando se mexe é bem perigoso quebrar.

Loucura, isso sim! Bufo rindo desse pensamento idiota.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 2

S É R G I O

Com o passar do tempo tivemos alguns encontros e Rebeca se mostrou uma mulher paciente e atenciosa. Chegou a lembrar de várias coisas que eu disse gostar e prontamente se mostrou interessada nos assuntos que conversávamos.

Era até agradável a sua companhia, mesmo achando estranhas todas aquelas saias longas, vestidos de bolinhas totalmente fechado de cima a baixo, parecia uma daquelas mulheres de igreja rigorosa. Cheguei a pensar que ela pegaria uma bíblia na bolsa e começaria a falar sobre religião em algum momento da conversa.

Havia visto vários relacionamentos de meus amigos, alguns ruins e outros péssimos. Eu sabia que suas mulheres mostravam sua loucura ainda nessa fase do relacionamento, exigindo atenção,

presentes e ligando a cada maldita hora para relatar que estavam entediadas e queriam alguma coisa.

Visto que Rebeca nunca reclamava, nem mesmo do aperto dos sapatos em seus pés, cheguei à conclusão de que ela poderia ser de fato, uma ótima aquisição em minha vida.

— Mentira que ela não te pede nada! — Fabrício, meu amigo de longa data fala abismado com meu relato sobre Rebeca.

— Nada. Sempre me diz sim e me segue sorrindo seja lá onde for.

Estamos bebendo na noite de sábado no Enterprise, meu bar. Adquiri-o em troca de uma dívida, dei uma incrementada e hoje ele é um dos mais badalados bares com strippers aqui no centro.

— Que robô você arrumou hein? E na cama? Vale a pena? — Jorge, meu outro amigo questiona.

— Nunca quis fazer nada com ela. Ela é virgem e está se guardando para a lua de mel — respondo sorrindo.

— Então temos uma exigência aí! — Jorge reclama.

— Ela não me exigiu nada, foi o pai quem fez o intermédio a pedido da esposa, e eu nem faço questão.

— Loucura isso cara! Nunca os vi sequer se beijando, não sei o que será de vocês no futuro. Mesmo com toda briga e confusão, eu gosto do sexo de reconciliação com a Pati, é frustrante saber que meu brother não terá isso — Fabrício me diz e dá um tapinha em meu ombro, me olhando com olhar pesaroso, não entendo onde está o problema que ele vê.



É chegado nosso grande dia. Estou me arrumando em meu quarto, no local da festa. Alugamos uma bonita chácara com hospedagem para que todos pudessem passar o dia e se arrumarem no local. Ainda não vi Rebeca em lugar nenhum, ela deve ter tido um daqueles dias de noiva cheio de massagens e depilações.

Sorrio com a ideia de finalmente ver o que tem embaixo de tanta roupa, não que já não tenha

percebido que tem seios volumosos e uma bunda razoável.

Suas roupas não ajudam em nada a imaginação, já até pensei que ela teria uma perna falsa, ou cicatrizes horrorosas por todo o corpo, mas prefiro acreditar que é apenas fruto da minha curiosidade. Trocamos alguns beijos sem graça até aqui, nada que me deixasse com vontade de pular a etapa: “virgem até a lua de mel”.

— Cara, meu carro esta com a chave na ignição se quiser fugir. Ainda dá tempo — Jorge entra no quarto seguido por Fabrício, já prontos com seus ternos de padrinhos.

Achei incrível o fato de Rebeca não ter dado nenhum trabalho com a preparação do casamento, minha madrasta disse que ela foi um amor. A briga mesmo foi entre ela e a mãe de Rebeca para decidir quem estava no comando do evento. Escolhida a líder, a mãe da noiva é claro, o casamento foi devidamente organizado e me parece que tudo está bem. Pelo menos não chegou nenhuma reclamação aos meus ouvidos ainda.

— Deixa de ser mané Jorge, não está me vendo

reclamar está?

— Não acredito que sobrou apenas eu! Vou ter que arrumar novos amigos — ele finge estar chateado.

— Como se alguém aturasse você! — Fabrício responde e sorrio da implicância dos dois.

Não estou nervoso, nem ansioso, apenas... pronto. Rebeca vai ter que servir para o cargo de esposa, se alguma coisa der errado, me divorcio. Faço com que assine documentos mantendo as empresas em minha responsabilidade e esqueço essa coisa de casamento.

O padre inicia o lengalenga após a entrada da noiva. O vestido é bem simples, também cobre boa parte dela. Não é como os que eu estava acostumado a ver nos casamentos que fui. Vestido de noiva sempre tem um decote aqui, ou uma saia curta ali, o dela não. Apenas um bonito designer que acentuou bem sua cintura e nada mais.

Pego sua mão para colocar a aliança e percebo que está tremendo a coitada, deve ser ansiedade por causa da noite de núpcias. Prometo pegar leve da primeira vez.

Ela faz o mesmo comigo, noto que suas mãos são bem delicadas, nunca deve ter feito nenhum trabalho manual na vida. Rebeca me olha rapidamente e fica vermelha, acho fofo, mas somente isso, não chego a sentir nenhum outro interesse pela mulher em minha frente.

Meu Deus, o que eu estou fazendo? Penso, antes de ouvir o padre dizer que estávamos casados.

“Ela é comportada” eles disseram.

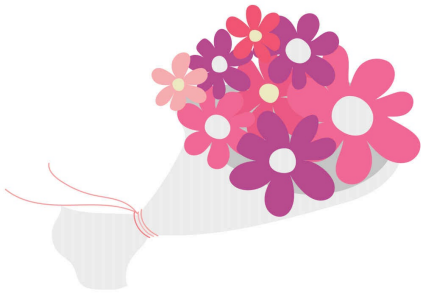
“Uma garota recatada” eles disseram.

“Não vai te dar trabalho” eles disseram.

E foi bem isso mesmo até aquele bendito:

— Sim. Eu aceito.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

R E B E C A

Que não tenha ninguém na cozinha! Que não tenha ninguém na cozinha! Que não tenha ninguém na cozinha! Suplico mentalmente, enquanto caminho na ponta dos pés pela casa em direção à cozinha.

Estou morrendo de fome, a malévola da minha mãe me trancou no quarto e disse que estava de dieta até o dia do casamento, tinha direito apenas a um tomate, um iogurte desnatado e três castanhas por dia.

Sim, dona Luiza Ferreira Lins é doida se pensa que consigo viver com essa miserabilidade de alimentação, nem se fosse uma modelo de trinta e cinco quilos. O que é basicamente desproporcional devido a minha altura de quase, eu digo quase, um metro e setenta.

Sei que eles saíram agora a pouco para algum

evento da empresa, mas ela sempre deixa a cozinha trancada, ou a porta do meu quarto — e janelas também — ou o cão de guarda dela, vulgo Maria, para barrar as minhas tentativas de sobrevivência.

Chegou a dizer uma vez aos empregados da casa que eu tinha uma doença contagiosa e perigosíssima para justificar as atrocidades que me fazia. Não posso culpá-los, eles vão acreditar em quem? Precisam do trabalho, vão fazer o quê?

Quando finalmente chego à porta do meu alvo, percebo um movimento por lá. Droga! A sargentona está aqui. Ainda dou uma espiadinha com cara de cão abandonado na mudança, para ver se toco o coração de Maria, mas ela já balança a cabeça negando.

— Eu vou morrer de fome nessa merda de lugar. Não vejo a hora de casar e sair daqui. Nem quero saber quem é o noivo, desde que ele me tire desse inferno já está valendo.

Reclamo aos sussurros, já que nem falar nesta vida eu posso. Assim que Maria me vê andando pela casa, ela me repreende.

— Fique no quarto, menina, não quero ter que

falar nada a sua mãe.

Abaixo a cabeça com os olhos carregados de lágrimas e subo para minha prisão particular. Lá, estão todas as coisas que mais me ferem, as roupas que nunca escolhi, perfumes que odeio o cheiro e as maquiagens - se é que pode se chamar disso — apenas alguns brilhos labiais e pó. Nenhum batom vermelho, nenhuma sombra laranjada, nada que eu possa dizer que é a minha cara.

Já lutei contra minha personalidade nesses meus vinte e quatro anos de vida. Sempre me perguntei: será que sou eu a errada? Vim com defeito? Porque eu não consigo entender como posso me sentir tão diferente dos meus pais dessa forma.

Até que em meu "não aniversário" de vinte anos, eu tive a prova que o problema não era eu.

"— Eu odiei cada dia em que você estava dentro de mim destruindo meu corpo! Agora você está aí com essa carinha e esse corpo enquanto eu estou velha e acabada!"

Foram as doces palavras da minha progenitora, em um momento de fúria em que me trancava novamente no quarto, mais um dia sem comida. Em

algumas dessas vezes, além de trancada e com fome, ainda estava dolorida devido algumas surras que recebia.

Aprendi cedo a não ter vontade de nada, não pedir, não olhar, não contar e não reclamar. “Assim talvez minha mãe consiga gostar mais de mim”. Se eu pudesse voltar no tempo diria para essa garota o seguinte:

— Esquece isso menina! Se rebele, corte os cabelos, rasgue suas roupas, grite e esperneie. É mais provável que te internem em um manicômio do que notem que você só quer ser amada por eles.

Difícil né? É eu sei, mas agora vejo uma luz no fim do túnel, meu pai finalmente achou uma serventia para uma filha e decidiu que me casarei com o filho de um de seus amigos.

Se eles me levassem mais as festas, talvez eu até soubesse quem ele é, mas como não tenho sequer acesso ao telefone, fico somente na imaginação mesmo. Ela é o meu maior tesouro, com ela, viajo o mundo e vivo a aventura que quiser.

Escrevo muitas dessas proezas em meus cadernos, não sei como ainda os tenho, deve ser

algum prêmio de consolação por ser uma cria razoável, já que não tenho voz em minhas escolhas.

Estudei em casa, o máximo que frequentei foi um colégio interno de freiras, onde o negócio era arrochado, se falasse das histórias que gostava de escrever, talvez, com muita sorte, fosse sentenciada a vinte chibatadas.

Ok! Certo! Metade das coisas que falo é exagero meu, ou não. Sou escritora, para mim os momentos têm um toque especial.

Então, como nem tudo são espinhos na vida, eu tenho um amigo! Isso!

Seu João é meu amado amigo, lindo e maravilhoso, e não é imaginário não, ele existe e é a luz no meu mundo escuro. Ele é responsável pelo jardim do meu presídio vulgo casa, é um amorzinho de ser humano. Sempre me conta lindas histórias de rosas, margaridas e ainda divide parte do seu lanche comigo, quando não tem ninguém por perto é claro.

O problema é que meu amigo está velhinho, e meu coração dói em imaginá-lo longe de mim, dá até um troço nas tripas, credo! Esquece, vamos falar de coisas menos tristes, tipo... bem... esquece,

é melhor eu ir dormir para essa fome passar.



— Rebeca! Acorda sua inútil! Trouxe um vestido para usar no jantar de amanhã.

Acordo assustada pela delicadeza assombrosa da minha mãe. Limpo a baba seca da boca e pego o que ela está me entregando. Queria perguntar que jantar é esse, mas é melhor não, apenas concordo com a cabeça e ela sai do meu quarto bufando pelo sacrifício enorme de estar no mesmo ambiente que eu.

— Vaca! — Digo baixinho, deve ser pecado xingar os pais, mas já estou condenada mesmo, meu inferno veio mais cedo nem me esperou morrer.

O dia do jantar chega e já estou pronta, apenas esperando que dona Luiza venha fazer aquela maquiagem de fantasma em meu rosto. Sim, nem isso eu posso fazer, é perigoso ter a pintura arrancada da minha cara com uma esponja de aço.

O que eu poderia fazer? Tacar fogo em casa com

todos dentro? Boa ideia. Vou pensar nisso. Melhor anotar para não esquecer...



Ele é bem bonito. Sérgio Valentin Oliveira. Daria um ótimo nome para um personagem de um conto. Vou me livrar dos meus carcereiros e ainda de tabela, me aproveitar daquele corpinho lindo que ele tem. Não será nada difícil. É claro que não posso demonstrar nada, principalmente na frente da vaca mestre, que é a minha mãe.

Aguente Beca falta pouco.

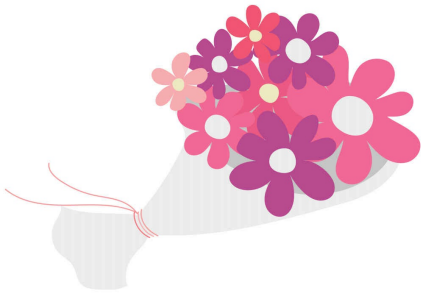
“Mas, e se ele for um péssimo marido e quiser continuar a tragédia que é minha vida depois desse casamento?” Minha mente questiona indignada. “Bom! Vamos ter que aprender com as amigas como é que se fica viúva cedo!” meu lado vaca, humildemente herdado de minha família, responde com um sorrisinho malévolo.

Quem não conversa consigo mesmo, responde e ainda briga pela divergência de opiniões, não sabe o que é viver.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

R E B E C A

— Sim! — Sorrio para Sérgio, de forma contida para não assustá-lo.

Estamos em mais um dos encontros programados por minha mãe. Ele fala e eu escuto. Confesso que desenvolvi esse talento, mas a verdade é que tenho uma tara pela voz dele, é gostosa de ouvir, melhor do que a de gato espremido da minha mãe, ou a voz de trovão do meu pai. Sérgio é algo novo e calmo, com ele posso sorri e conversar sobre outras coisas.

"*Não fale asneiras para o pobre rapaz, ele já está sendo forçado a esse casamento, é perigoso fugir se você abrir essa boca para falar!*"

Lembro-me dos sábios concelhos da vaca... Ops, minha mãe, quando penso em puxar um assunto com meu acompanhante de passeio. "Ela tem razão, se ele desistir, nosso plano vai por água abaixo!"

“Verdade”, meus eus interiores falam e eu concordo. Sérgio será deliciosamente um meio para um fim. E eu... bem... irei usar bastante desse meio.

Quando ele se aproxima para me beijar, meu corpo estremece completamente. Tenho que me lembrar dessas sensações para descrevê-las depois. Mais um concelho repugnante grita em minha mente nessa hora. Não posso resistir é mais forte que eu.

“Não beije de boca aberta, ou ele terá nojo de você rapidinho”

Ok! Boca fechada. Sorriso casto, roupas que mais parecem cobertores e nada de conversar. Obedecido.

O meu amigo, o Seu João, também é meu parceiro de crime é claro, meu álibi para ser mais exata. Sempre que pode e a casa está vazia, ele abre meu quarto e me liberta. Nesse tempo, aproveitei para mexer no computador do escritório do meu pai, atenta para não tocar em nada e nem deixar marcas pelo caminho.

Já experimentei de suas bebidas, li documentos das empresas, vi sites que ele visita, alguns bem

safadinhos - os que mais gosto confesso - outros bem interessantes, que ensinam sobre os negócios. Visitei também, vários lugares pelo navegador e ainda estudei sobre minha paixão, escrever, e é claro, li vários livros que ficaram eternamente guardados em meu coração.

Aprendi esconder as pastas no meio das coisas dele. Bem, se ele sabe ainda não descobri. Decorei os números do cartão de crédito de minha mãe, aproveitando todas às poucas vezes que saímos para comprar algumas coisas. Sempre lindas para ela e horríveis para mim.

Dona Luiza Ferreira ainda tinha a cara de pau de falar ao meu pai, que o gosto era meu e que ela não podia fazer nada. Ai de mim se negasse, era perigoso ser jogada no meio do deserto para secar no sol.

Com isso comprava livros, sempre e-books, não podia pedir nada que viesse pelo correio. Como sabia que ela não conferia sua conta e nem meu pai a cobrava nada, eu me esbaldava. Tomava cuidado com os gastos, porém, já tinha mais livros que poderia ler em dez vidas. Depois tomava cuidado

em sair de todas as contas, fechar e esconder tudo novamente.

Fui pega no pulo uma vez, nem gosto de lembrar, nunca entenderei para quê tanta raiva da minha mãe por mim. Ela me bateu tanto naquele dia, que quase tiveram que me levar para o hospital. Ela disse que era dor de barriga por comer besteira demais e meu pai deixou para lá.

Tenho uma alma alegre apesar de tudo, sempre com um sonho na ponta do pensamento apenas esperando para surgir na realidade dos meus contos.

Um dia! Um dia! Eu não precisarei esconder mais nada. Terei uma estante enorme, cheia dos meus bebês, mandarei cartas e e-mails para minhas autoras favoritas elogiando-as e também reclamando dos personagens que elas mataram nos livros. Receberei um monte de encomendas pelo correio, sem me preocupar de ninguém as extraviando.

Sonho em aprender a cozinhar as mais variadas comidas que vejo na internet, e comer sem me preocupar - exceto com o peso é claro - ainda vou

fazer grandes doações para que ninguém no mundo passe fome. Eu sei como é difícil. Não posso salvar todos, mas posso fazer minha parte.



Estou pronta e radiante para meu casamento. Apesar de simples, meu vestido é um sonho, me sinto linda pela primeira vez na vida. Minha maquiagem foi feita por profissionais. Ficou ótima, tem até uma corzinha em meus lábios, sorrio para o espelho e levo um baita susto quando escuto a porta bater.

— Sorrindo assim igual uma vagabunda, rapidinho vai perder o marido.

“Vaca” xingo em meu pensamento e nem me atrevo olhá-la, desconfio que ela deve ter poderes sobrenaturais tipo de ler mentes ou desintegrar alguém com olhar a laser.

— Não entendi porque colocaram esse batom tão escuro — Ela anda até a cômoda, pega um algodão e vem em minha direção. Eu automaticamente levanto as mãos para impedi-la.

“Não foi uma boa ideia”

Sinto o rosto arder fortemente.

Minha mãe, simplesmente, acertou um tapa em meu rosto, no dia do meu casamento, porque eu não queria deixá-la tirar dos meus lábios, o batom rosa claro que eu tanto amei.

Meus olhos se encheram de lágrimas imediatamente, mas eu não queria chorar, não quero estragar o resto da maquiagem e correr o risco de tê-la me retocando.

— Já está mostrando as garras não é? Pensa que vai se livrar de mim, só porque vai se casar? — Ela esbraveja próxima ao meu rosto, apenas fecho os olhos e a deixo dar o seu show — Fique sabendo que vou visitá-los sempre, para saber se está se comportando e não fazendo a família passar vergonha. — ela continua esbravejar e tenho a impressão de que decorou esse discurso para vomitá-lo em mim — Acabou com a minha vida e agora quem vai acabar com a sua sou eu.

Luiza ainda fica parada em minha frente, posso ouvir sua respiração alterada e o peso da sua maldade no ar, isso apenas muda quanto a porta do

quarto se abre e meu pai surge.

— Estão prontas? Já está na hora — Ele me olha, percebo pela visão lateral. Não sou doida de erguer a cabeça. Sei que ele vê, ele não é cego.

— Vou apenas corrigir isso aqui e... pronto. Pode levar — a pessoa que se diz minha mãe, esfrega a minha boca com um algodão e me empurra para meu pai, sem nenhum carinho, como se fosse uma encomenda com defeito sendo entregue para troca.

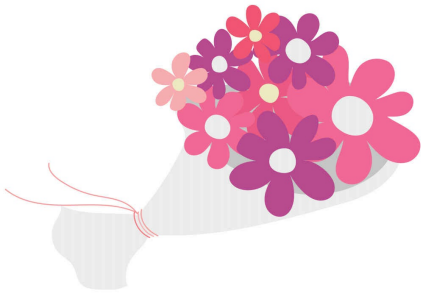
Engulo todo o choro que quer me dominar, minha vontade é de esfregar a cara dela no chão, e sair correndo, só que falta tão pouco para que me livre deles. Enganada é ela se pensa que vou recebê-la em minha casa, isso se eu estiver por lá.

Não consigo ver nada ao redor, apenas sinto meu sangue fervendo de raiva e ansiedade, nunca imaginei que um padre precisasse falar tanto assim, estou tremendo de tanto que quero sair correndo arrastando meu noivo daquele lugar. Espero mesmo que ele saiba fazer o negócio direito, eu e minha princesa virgem intocada aqui, estamos contando com isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

S É R G I O

Rebeca parece gostar bastante do que é servido na festa, comeu de tudo, doce, salgado, até lambeu as beiradas do bolo enquanto as pessoas faziam seus discursos. Sempre que a olhava, ela me sorria, se esticava para me beijar, ou esfregar o nariz no meu. Todo o tempo carinhosa e atenciosa comigo.

Tento mais uma vez puxar minha mão do aperto de Rebeca, o que acaba sendo um sacrifício em vão, pois assim que ela solta minha mão, envolve meu braço com seus dois braços. Olho seu rosto e ela me dá um lindo sorriso e mais um beijo na boca. Não estou acostumado a tantos toques assim.

Aliás, acho que beijei mais durante essa meia hora de casado, do que em toda a minha vida. Cada vez Rebeca me envolve e nos beijamos. Ela não me soltou para nada, estou quase perguntando se teremos que entrar no banheiro juntos.

— Gatinho, vem no banheiro comigo — Nem precisei perguntar.

— Tem certeza? Não podemos entrar juntos lá.

— Claro que podemos, somos casados agora — ela fala com a voz baixa e doce.

— O que vão pensar de nós Rebeca?

Rebeca parece gostar da ideia, ela se ergue para alcançar meu ouvido e eu sinto meu corpo todo arrepiar quando ela fala.

— Vão pensar que estamos adiantando a lua de mel — mais um beijo. Agora retribuído com bastante vontade da minha parte, confesso.

Ela me puxa e seguimos juntos ao banheiro.

Rebeca tranca a porta, penso até que vai me atacar, quando ela passa por mim e entra em uma das divisórias do banheiro, fecha a porta e começa a falar. Sim! Falar, enquanto faz suas necessidades.

— Príncipe! O que você acha de fugimos dessa festa chata?

— Acredito que vão notar que saímos.

— Claro que vão! Somos os noivos! Só penso que podíamos aproveitar um pouco antes da

viagem. Você não está cansado? Eu poderia te fazer uma massagem maravilhosa, que tal?

Gostei da ideia, a pessoa tem argumentos fortes.

— E o que vamos dizer aos nossos pais? — Ela sai do banheiro sorrindo, lava as mãos e seca se olhando no espelho. É impressão minha ou ela está ficando cada vez mais linda?

— Não precisamos dizer nada — ela se aproxima segurando minha gravata e passando a mão pelo final da minha camisa até o cinto em minha calça. Reajo imediatamente ao seu toque — Ou podemos dizer a verdade. Que estávamos, cheios de tesão, querendo fazer amor gostoso.

Caramba! Minha sanidade foi para o espaço. Aproximei o que faltava na distância dos nossos corpos e busquei seus lábios com sede. Esse beijo não foi como os demais que estávamos praticando, ele foi forte e cheio de intenções. Devia ter experimentado dele antes, é incrível. Sua língua encostando na minha é como fogos em noite de réveillon.

— Rebeca! — Alguém bate na porta e nos separamos um pouco para tentar ouvir melhor.

— É a minha mãe — ela sussurra.

— Vamos abrir?

— Não! — Seu olhar de sofrimento, não me passa despercebido, eu apenas permaneço agarrado a ela, ainda respirando com dificuldade.

— Não me deixa sozinha com ela, por favor, príncipe. Vamos sair daqui!

Não entendo essa insistência de Rebeca em sair rapidamente, afinal à festa acabou de começar. Espero que meu pai não se zangue, mas eu quero muito aquela massagem.

— Tudo bem princesa, eu te levo, vamos para o hotel e podemos ficar lá até a hora do voo, pode ser? — falo carinhoso, já que ela sempre se dirige a mim com tanto amor.

Ela sorri e me puxa pela gravata para mais uma etapa de beijos maravilhosos, que me deixam doido para arrancar sua roupa.



R E B E C A

Obrigada, meu Deus! Obrigada, meu Deus! Meu marido é um fofo! Eu sabia que você não me odiava tanto assim!

Conseguimos sair da festa sem causar nenhum alvoroço. Acredito que só perceberam quanto Sérgio ligou o carro, mas já estávamos saindo rapidamente, daria um rim para ver a cara da vaca e mostrar meu dedo do meio para ela.

O caminho até sair da chácara era lindo, cheio de flores, árvores e luzes, eu fico boba olhando pela janela, sentindo o vento da liberdade tocar meu rosto. Fecho os olhos, imaginando como será minha nova fase até que percebo o carro parar.

No susto, abro rapidamente os olhos. Sérgio sai do carro, dá a volta e abre a minha porta. Oferece-me a mão, como um verdadeiro cavalheiro, e eu aceito. Assim que desço, ele me leva para próximo de um monte. Fico com medo. Será agora que ele me joga daqui e eu me lasco toda?

Isso dura pouco tempo, a vista é inebriante. Meus olhos enchem-se de lágrimas. Não aquelas

lágrimas de medo e dor, lágrimas de alegria, de uma certeza que o pior já passou e que de agora em diante, eu sou dona das rédeas da minha vida.

Sérgio coloca uma flor em meu cabelo e ficamos assim, abraçados, nos olhando nos olhos. Não sei o que ele me diz, mas eu digo em meu olhar que vou fazer valer a pena. Depois de um tempo namorando, voltamos para o carro e seguimos viagem até chegar ao hotel.

Começo a entender alguns dos problemas de um casal, assim que chegamos à recepção. Uma mulher, aparentemente da nossa idade, extremamente arrumada e elegante, emanando sensualidade até pelas pontas duplas dos cabelos oleosos, está parada encostada no balcão.

Isso seria normal, caso o meu ilustríssimo esposo não a conhecesse. Certo?

— Amanda?

— Sérgio! Nossa! Que bom te ver!

Sim. Sim. Sim. Abraços, beijinhos no rosto, olhares e a minha vontade de sair voando daquela cena.

Tudo só piorou, depois que meu príncipe - desencantado no momento - não nos apresentou. Ele sequer me incluiu na conversa quando seguimos para o elevador. Ela como a interessante e eu como a pessoa que caminha ao lado.

Fiquei na minha, é claro. É quase uma profissão para mim isso de ser invisível, afinal que mal tem nisso? Já me livrei do que queria, ele pode fazer o que quiser da vidinha dele. Observo o papo dos dois sem esconder minha cara de insatisfação.

No oitavo andar, a mulher desceu. Ela até me cumprimentou, como se percebesse só agora que não estava ali de enfeite. Sérgio respira fundo ainda sorrindo e se vira para mim. É como se instantaneamente ele se desse conta da merda que fez, sua expressão muda de alívio para constrangido.

— Me desculpa Rebeca... eu...

— Tudo bem — Sorrio para ele e ergo minha mão em sinal de que tudo está tranquilo e calmo, como o fogo do inferno.

Quando a porta do elevador se abre, eu caminho na frente. Eu peguei a chave com a recepcionista, já

que ele estava ocupado conversando.

Na porta, tenho uma ideia extremamente cruel, mas ótima. Não sou vingativa, aliás, nunca pensei em enfrentar algo assim, é apenas um sentimento. Acredito que boa parte da população feminina vai me entender.

— Amor! — falo manhosa para dar mais efeito as minhas intenções.

— Sim — ele responde desconfiado. Homens devem ter sensor para essas coisas.

— Sabe que eu sempre quis fazer? — falo, enquanto aliso seu peito e seguro sua gravata. Já vi isso em livros, deve funcionar.

— O quê?

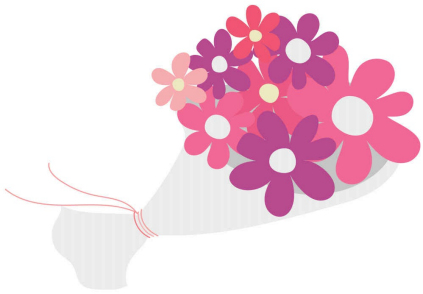
— Dar um daqueles amassos bem gostoso no elevador.

Sérgio olha na direção do tema da nossa conversa, depois para a porta atrás de mim. Sinto que está com dúvida do que fazer. Assim que ele vai andando em direção ao elevador sorrindo e me convidando, eu abro a porta do quarto, entro e tranco, deixando-o do lado de fora.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 6

R E B E C A

Liguei para a recepção e convenci as garotas a me ajudarem.

— Acredita que ele ficou dando em cima daquela lambisgóia na minha cara? Ele precisa de uma boa lição, então se vocês puderem dá uma enrolada nele aí, dizendo não ter outra chave, ou fazê-lo esperar mais do que o necessário, eu serei eternamente, duzentos para cada uma, grata — Nem me pergunte onde vou arrumar esse dinheiro.

–Pode deixar com a gente senhora. Ele não conseguirá uma chave até o fim do meu plantão — Ela responde pelo telefone.

Adorei essa garota.

Ouço uma batida na porta e voz zangada de Sérgio.

— Rebeca! Abre essa porta agora! — Tenta de novo bobão.

— Rebeca Gonçalves Lins Oliveira! — Aff, virou meu pai agora.

Ele tenta essa abordagem umas três vezes, então, demora um pouco para bater novamente, mas com outro tom de voz. Ele é inteligente, vai aprender como é que se faz.

— Rebeca princesa, me desculpa, por favor, abre a porta, vamos conversar... — está melhorando, continue.

— Olha não faz isso, eu vou ficar chateado com você — Chateado? Chateado? Chateada estou eu meu querido!

— Rebeca...

Meu coração quase fraqueja quando ele fala meu nome de forma manhosa, mas nada superou a sua terceira tentativa. Ele acertou em cheio e me ganhou toda depois disso. Covarde, foi um golpe de mestre.

— Beca, meu amor, eu tô tão arrependido... já tô morrendo de saudade do seu beijo princesa. Não saio daqui enquanto você não me perdoar.

O que aprendi com essa experiência? Que sou

uma mulher fácil.

Claro que ainda fiz uma manha antes de abrir a porta, mas não resisti, e lá estava ele, lindo, leso e gostoso me olhando com seus olhos de menino pidão.

Puxei-o pela gravata e o coloquei para dentro.

Incrivelmente as nossas malas já estavam lá. Ainda vou aprender a fazer isso de chegar e minhas coisas estarem no lugar.

— Amor foi sem querer, ainda estou aprendendo sobre esse negócio de casado. — fico com as mãos na cintura fazendo cara feia.

— Ok! Também estou aprendendo, por isso fechei a porta, não sabia que mais alguém entraria comigo.

Passo por ele tentando desabotoar meu vestido. Espero que ele tenha entendido o recado.

Sinto sua mão em minhas costas e pulo no susto virando novamente de frente para ele.

— Que foi? Só vou te ajudar com esses botões — sorrio aliviada.

— É verdade... você é meu marido, certo? Pode

me ver pelada não é?

— Acredito que sim — ele responde com um sorriso tarado no rosto.

— Certo... — respiro fundo e me viro para que ele abra o vestido.

Meu coração acelera muito nesse processo, seu toque queima em minha pele e não consigo continuar. Novamente viro impedindo-o de continuar.

— Espera! — Ergo a mão e Sérgio me olha com olhar divertido.

— Você já viu muitas mulheres nuas?... tipo... para me comparar?

— Claro que não! — ele pensa — Quer dizer... já vi algumas, mas não vou te comparar Rebeca.

Afasto-me um pouco segurando meu vestido para não cair antes da hora e continuo falar

— Primeiro você.

— Eu?

— Sim. Quero ver você, eu acho que vou me sentir mais à vontade assim.

Ele concorda e começa a retirar a gravata. Devagar, desabotoa a camisa e retira o cinto. Minha boca, misteriosamente, começa a salivar, engulo tentando me manter sã para curtir o resto do show.

Meu marido é lindo, gostei muito do que vi, vai servir de inspiração para meus personagens, pelo menos para alguns deles. Geralmente os caras são maiores e mais fortes e... Ah! Tatuagens!

— Rebeca! — Ouço sua voz e percebo que viajei nos pensamentos. Minha concentração é uma vergonha.

–Não espera!... Eu estou salivando, isso é normal? — pergunto e ele apenas ri. Então penso em outra coisa para mudar de assunto.

— Você não tem tatuagem?

— Não.

— Acha legal? Eu queria muito fazer uma.

Ele não parece gostar do assunto, passa a mão nos cabelos impaciente, respira e vem para perto de mim.

— Vem cá Beca — Meu Pai Eterno! Se já estava derretida apenas com o som da sua voz,

agora que me chamou de Beca meu coração vai sair dançando forró pela boca.

Encosto nele sorrindo igual uma boba, seu cheiro é maravilhoso. Ele me envolve e me vira de costas afastando meus cabelos para o lado. Cada toque me faz perder um pouco mais da razão. Sérgio me beija no pescoço, sinto sua língua levemente sobre minha pele em pequenos beijos molhados, cheio de desejo.

Minhas pobres pernas nem podem ser chamadas de apoio, não passam de gelatina agora. Sérgio vai retirando meu vestido com cuidado, assim que ele cai no chão sinto um pouco de vergonha. Nunca fiquei nua na frente de ninguém, tenho medo de não agradá-lo com meu corpo.

Só que esses pensamentos logo se esvaem, pois ele vem com suas mãos e me acaricia. Inicia pela cintura, passando pelos meus seios e subindo para o pescoço, provocando uma descarga elétrica por todo meu corpo.

— Linda — ele sussurra em meu ouvido.

Sinto seu volume quando ele se encosta em meu bumbum e gemo, mais de susto do que qualquer

outra coisa, admito. Começo a ficar nervosa outra vez quando ele solta os prendedores do meu sutiã, seguro sem deixar que me mostre por completo.

— Calma princesa. Vamos com calma tudo bem? — Essa voz ainda vai me levar à loucura.

Viro apenas meu rosto para vê-lo, não sabia que ele poderia ficar ainda mais lindo. Seus olhos castanhos estão mais escuros, sinto que ele me quer, é estranho isso. Aproximo-me para beijá-lo, ele me aperta mais próximo ao seu corpo e eu o sinto ainda mais. O gemido involuntário que solto agora é de puro prazer.

Sinto sua mão massageando meu seio, em minha barriga, parece haver um tornado, mas nada se compara ao que sinto quando ele desce, ainda mais, a mão e acaricia minha intimidade por cima da calcinha e, junto a isso, geme em meu ouvido.

Santo Deus das pernas bambas!

Tive vontade de pular no seu pescoço e gritar: isso! Vai! Assim! Ou algo bem próximo disso, porque... sério mesmo! Perdi totalmente o controle do meu corpo. Eu tremi, gemi e me arrepiei toda, de tal forma, que ele precisou me segurar para eu

não despencasse no chão.

Ainda desnorteada, percebo Sérgio me afastar um pouco para me virar de frente para ele. Fico com vergonha e abaixo a cabeça, só que ele foi puxando sua camisa pelo braço para terminar de tirá-la e eu achei aquilo tão sensual, que não resisti e estiquei meu braço para poder tocar em seu peito.

Percebi sua pele arrepiar, ele continuou o processo de retirar a roupa, puxando a calça e ficando apenas com sua cueca preta. Ao se aproximar novamente, soltei o braço que escondia os meus seios para poder abraçá-lo completamente, foi maravilhoso. Tudo, desde o contato das nossas peles, aos beijos que se seguiram, a magia daquele momento seria algo que jamais esqueceria.

Sérgio foi um príncipe de fato - encantado novamente - ele beijou cada parte do meu corpo com carinho, dando uma atenção especial a cada uma delas. Nunca pensei que era tão gostoso, nem nos meus dias de mais criatividade. Me senti uma mulher amada e adorada em seus braços.

O desconforto de senti-lo em mim, não foi maior que todas as sensações incríveis que corriam

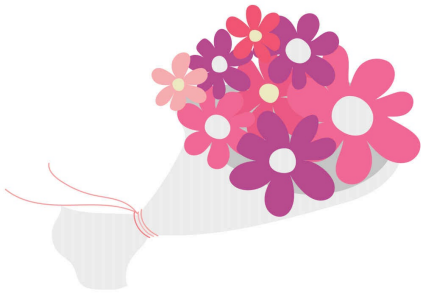
livremente pelo meu corpo. Logo me acostumei e não queria mais que acabasse.

Quando ele gemia, eu me sentia vitoriosa. Fizemos amor como nos livros que li, lento, cheio de olhares e significado. Mágico e delicioso.

Mesmo com todas as descrições que eu conhecia das linhas dos livros, nada se comparou ao que de fato foi ter o meu primeiro orgasmo, e ao mesmo tempo ouvi-lo gemer em meu ouvido quando chegou ao seu clímax.

Eu precisava, urgentemente, mais que tudo que já precisei nesta minha vida, de papel e caneta.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

S É R G I O

Rebeca era uma deliciosa aquisição. Tive essa certeza quando a vi nua. Conhecia um pouco de suas curvas, mas nada comparado ao que pude constatar depois de tirar seu vestido. Sua pele morena clara, natural com se não fosse tocada pelo sol há muito tempo, exalava sensualidade e delicadeza.

Sabia de sua virgindade e jamais faria com aquele momento fosse ruim para ela, só que simplesmente não me reconheci diante da reação do meu corpo. Eu queria beijá-la, sentir seu cheiro, acariciá-la a todo o momento, logo eu que não gostava de ser beijado e tocado por ninguém? Não consegui me controlar diante dela.

Cada gemido de Rebeca, atingia em cheio minha ereção, que já estava explodindo na calça, eu a queria, muito, e queria agora. Quando a vi se

desmanchar no seu orgasmo, percebi que além de linda, minha esposa era muito gostosa. Aproveitei esse momento para investir, com cuidado para que não acabasse com aquele momento maravilhoso para nós dois.



Abri os olhos espantado porque procurei por Rebeca e não a senti ao meu lado. Quando ergui um pouco a cabeça, vi que ela estava no sofá com a cabeça baixa... escrevendo?

Levantei, vesti a cueca e me aproximei dela sem muito barulho.

— Rebeca, tudo bem?

Ela se assustou que pulou em seu lugar colocando a mão na frente do caderno que escrevia.

— Ai Sérgio! Que susto!

— Desculpa — sentei do outro lado do sofá longe nela. — Você está bem? Está com dor?

— Não — vi seu rosto corar e ela abaixar a cabeça. — Estou ótima.

Acompanhei seu movimento de guardar o caderno e a caneta na mala e ao voltar sentou-se em meu colo, não impedi que o fizesse, por mais que me incomodou no primeiro momento, logo me acostumei e gostei da ideia de tê-la assim encaixada em mim.

— Você foi um fofo! — ela me beijou, mas não gostei do elogio. Fofo é um ursinho de pelúcia, não o homem que tirou sua virgindade.

— Fofo? — ela me observa falar arrumando fios do meu cabelo.

— Sim amor, foi... mágico! — ela para e me olha triste — Porque? Você não gostou não foi? Desculpa! É que eu não tenho experiência e eu...

— Ei — eu para sua falação segurando seu rosto próximo ao meu — Eu gostei sim.

— Verdade? — Beca me sorri e volta me fazer carinho. Começo a acreditar que posso me acostumar com isso — Me fala como foi?

— O que quer que eu fale?

— O que você achou, ora!

— Gostoso? — pergunto mais do que respondo

— Eu achei também — ela diz e morde o lábio com um pequeno sorriso. Cada vez mais linda. Percebo que está mais solta, sem todo o decoro do início.

Rebeca veste apenas minha camisa sem nada por baixo, aproveito para sentir novamente sua pele colocando minha mão por baixo da roupa. Ela gosta e começa a abrir os botões da camisa. Aquele movimento me deixou em ponto de bala novamente, só que não quero machucá-la, tenho outros planos para aquela delícia de corpo, e assim que abre o último botão, eu dou início ao que tenho em mente.



Nossa viagem seguiu tranquila. O voo foi rápido, sem paradas e logo chegamos ao litoral de Fortaleza. Beca queria ver o mar então achei legal fazer essa surpresa a ela. Meu pai sempre me dizia que “mulher satisfeita era sinônimo de paz”, então...

— Que lindo amor! — Beca me beija e abraça a

cada segundo, deve ser porque está alegre é por isso.

— Fico feliz que tenha gostado — falo sem saber muito o que dizer a ela.

— Nossa! Que formal — ela continua me abraçar, não me solta por nada, deve estar com medo de que fale novamente com alguém e a esqueça. Pedi desculpa várias vezes pelo que aconteceu, vi que ela não gostou, por isso sempre que lembrava, repetia o pedido e ganhava um beijo e um sorriso em resposta.

No quarto, começamos a arrumar as roupas para trocarmos, eu segui para o banho e Rebeca ficou no quarto se trocando. Quando voltei ela estava em um mini biquíni branco, revezando entre puxar a parte de cima para tampar as auréolas dos seios e retirar a parte de baixo que insistia em entrar em sua bunda.

Nunca permitiria que minha esposa saísse com isso!

— Rebeca! Não vai sair com esse biquíni! Está horrível!

— Sério? Eu achei que já não me serve mais

porque o tenho desde os doze anos. Mas tem razão, está estranho mesmo.

Eu pensei que ela iria simplesmente trocar por outro, mas não imaginei que ela o retiraria ali na minha frente. O que aconteceu com todo aquele pudor de ontem? Fiquei a observando ficar nua e nem percebi que ela me olhava.

Beca se aproximou de mim passando as mãos pelo meu peito por cima da camisa polo e subiu para meu rosto, puxando para beijá-la.

Envolvi seu corpo e imaginei que não seria hoje que veríamos aquele mar, não mesmo.



— Precisamos ir às compras, príncipe. — olho para Rebeca que se ergue do meu peito para me olhar apoiada nas mãos. Linda. Tenho vontade de beijá-la, mas não faço. Ainda tenho reservas quanto a isso, o que não é problema já que ela me agarra toda hora, então é só esperar.

— Não trouxe nada na mala? — pergunto e a vejo fazer uma careta igualmente fofa. Sorrio com a

imagem.

— Não quero mais essas coisas — Ela sobe em meu corpo deitada totalmente sobre mim e continua a falar — Queria poder comprar algo que eu goste, sabe? Nunca pude escolher nada. Você me leva?

Nesta posição, se ela me pedisse a lua eu iria dar um jeito de dar a ela.

— Claro linda. O que quiser. — ela me presenteia com seu sorriso e se mexe encaixando-se novamente a mim, é a coisa mais gostosa que já me aconteceu. Parece que nossos corpos foram feitos para o outro, nos completamos sem muito esforço. Os beijos não demoram a vir, e aproveito para tocar novamente cada parte deliciosa do seu corpo.



Eu sabia que não seria uma boa ideia isso de fazer compras, mas caí como um patinho no seu papo furado e cá estou eu, esperando há horas por uma mulher frenética experimentando roupas e mais roupas. Ah! E sapatos, sim, os benditos sapatos.

— Olha esse amor! O que acha? — ela me pergunta.

— Para mim esse é igual aquele outro — respondo sem muita paciência.

Ela estava com um vestido verde, disse que iria experimentar outro e me volta com outro vestido verde! O que ela quer que eu diga?

— Você achou feio não é? — ela fala triste — Tudo bem, não vou levar esse.

Já entendi seu jogo. Quando quer algo, fala manhosa e quando quer que eu diga algo, ela finge tristeza.

— Tá linda amor! Agora podemos ir? Eu estou morrendo de fome e...

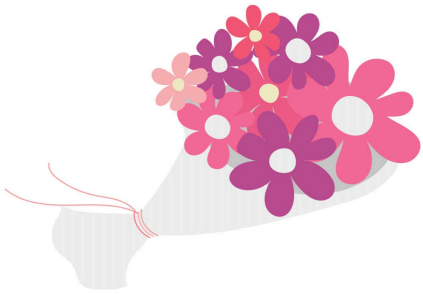
— Fome? Nossa! Eu também estou com muita fome! O que vamos comer? Nada com tomates, por favor.

Não entendi essa dos tomates, mas não vou perder a oportunidade de sair daqui. Não ligo para tomates mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 8

R E B E C A

Esse lugar é lindo! Não quero voltar mais para casa, ainda nem sei como vou evitar as visitas da minha mãe.

— Quer beber alguma coisa Beca? — Sérgio aponta para o bar na lateral das piscinas onde estamos deitados pegando um sol.

— Sim!

— Vou buscar então.

Ele vai e demora bastante para voltar. Depois de um tempo, procuro por ele na direção do bar que ele falou e o encontro conversando animado, demais para o meu gosto, com uma mulher. Novamente isso? Sério Sérgio?

Levanto sem muita noção do estou fazendo, não quero passar vergonha, não vou fazer um escândalo, mas ninguém disse que não posso fazer nada.

Não espero que eles me vejam, me aproximo e dou um beijão na boca do meu marido caçador de conversa. Percebo que ele retribui fielmente meu beijo, e assim que paramos, me volto para a mulher e aproveito para esfregar a bunda e apalpar meu príncipe enquanto a cumprimento.

— Oi! — Estendo a mão livre para ela, percebo que meu fofinho está reagindo bem aos meus carinhos.

— Oi — a loira responde sem graça.

Olho para Sérgio que parece suar bastante, me viro de frente para ele dando um novo beijo, ainda mais quente que o primeiro e saio sorrindo e dando um tchauzinho para os dois.

Ouço Sérgio gritando meu nome e rapidamente se despedindo. Ele me abraça colando seu corpo no meu e desato a rir da sua cara. Pensa que vai ficar de conversinha por aí? Vai nessa!

— Tá doida?

— Eu? O que foi que eu fiz?

— Me deixou... neste estado na frente dos outros.

— Que estado? Apenas estava beijando meu marido que ama conversar com as mulheres alheias.

Ele não discutiu mais, ficou constrangido olhando para o lado, acho que buscando concentração para acalmar seu bebê na sunga. Como não sou de desperdiçar as coisas, visto que nunca as tive, me viro abraçando-o e beijando seu pescoço.

— Quer ajuda com isso? — passo a mão de leve no seu volume, ele se arrepia e dá um gemido baixo.

— Você é doida — Sérgio me sussurra e procuramos o caminho mais curto em direção ao nosso quarto.

De preferência com o elevador vazio.



Voltamos para casa após uma inesquecível lua de mel, onde conhecemos todos os cantos do quarto do hotel. Entrei no mar pela primeira vez. Acredito que engravidei ali. Sério isso! Acho que o meu

bebê vai nascer até salgadinho depois do que aprontamos por lá.

Sérgio até tenta ser sério e grosso, mas não resiste a um cheiro no cangote que já está arriando as calças e me puxando para o quarto. Quente meu gatinho. Ele não gosta nada dos apelidos que dou a ele, e eu acho muito fofo sua cara vermelha de constrangimento.

Estou em casa preparando o jantar quando ouço o barulho da porta abrir e fechar em seguida, com certeza é meu amor. Vou fazer suspense e ficar aqui esperando ele me procurar.



S É R G I O

“Sérgio você deve tratar sua mulher de forma firme, não caia na sua lábia, elas são traiçoeiras como serpentes...”

Fico remoendo a conversa que tive com meu pai hoje no escritório, ele tem razão, Rebeca me leva fácil demais na sua conversa fiada, tenho que ser

mais resistente ou vou me tornar o próximo corno apaixonado nas mãos de uma mulher.

Ela nunca me leva a sério, sempre fica me beijando e me alisando quando estou falando, isso acaba me desconcentrando. Vou reclamar com ela sobre isso, tem sofá e cadeiras suficientes pela casa para ela ter que ficar em cima de mim todo o tempo.

Entro na cozinha e retirando o terno e paraliso. Rebeca está cozinhando. Não isso, ela está vestida apenas com uma calcinha de renda e um sutiã combinando!

Ela me sorri, vem em minha direção e retira minha gravata. Nunca pensei que o ato de retirar uma gravata pudesse ser tão sensual. Engulo seco e esqueço completamente o que ia dizer. Então respiro e busco manter a sanidade.

— Você... não pode cozinhar assim... de... sutiã! — aponto para o local do seu corpo.

— Ah! Desculpe — ela se afasta um pouco e retira a peça íntima a que me referi, fazendo cara de safada e segue para o balcão.

Nessa hora esqueço até meu nome e avanço sobre ela beijando-a faminto pelo seu corpo. Impossível dialogar com Rebeca nestas circunstâncias.



— Rebeca, você bem que podia sentar ali, não? — aponto para o acento vazio do sofá.

Ela faz beicinho e desce do meu colo, se encolhe e continua a olhar seu celular.

Fico hipnotizado pela sua imagem à luz do aparelho, seus olhos castanhos acompanhando o movimento da tela e seu sorriso leve ao ver algo que parece ser engraçado. Me arrependo de tê-la tirado do colo, estava bem quente e gostoso.

Volto a me aproximar para trazê-la de volta para perto, quando vejo o que tem no celular dela, que tanto estava sorrindo e mordendo o lábio.

— Oh meu Deus! Rebeca isso é um cara pelado? — ela se assusta e pula para longe de mim.

— O que? Não! Claro que não! — ela responde claramente nervosa e gaguejando.

Beca foge das minhas investidas de pegar o celular, corre e se tranca no banheiro.

— Rebeca! Abre essa porta! Tem um cara pelado no seu celular?

— Não é meu... quer dizer... não fui eu.

— Eu vi um cara pelado aí!

— Isso é calúnia e difamação! Agora me deixa que eu vou cagar!

Me afasto da porta no susto pelo que ela disse. Ela pensa que me engana, isso não vai ficar assim.



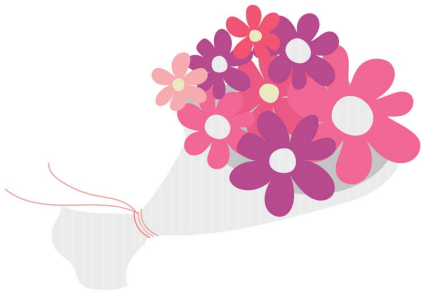
R E B E C A

Meu Deus! Essas mulheres do face ficam postando essas coisas — Viro o celular para melhorar o ângulo do exemplar masculino em exibição — Nossa! — aproximo a tela do rosto, por puro reflexo — Que saúde meu filho. Que saúde!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

R E B E C A

Acordo cedo, ansiosa para poder me arrumar, convenci meu amado marido a me levar à empresa hoje. Estou que não me aguento de felicidade. Preparo um café da manhã super especial para nós dois e o espero descer. Ele vem com aquela cara de mal que sempre tem pela manhã. Ele pensa que me engana. É um fofo e fica tentando parecer um ogro.

Sérgio senta e pega sua xícara para pôr café. Não perco o fato de sequer ter me dado um beijo de bom dia. Ouço o apito do forno e pego o cupcake que fiz especial para ele.

— Experimenta amor, fiz para você — ele se afasta um pouco da mesa e eu aproveito e sento em seu colo.

Pego uma colher e sirvo o doce em sua boca, esse negócio de ter alguém ao seu lado está se mostrando maravilhoso para mim, que sempre fui

só.

— Hum! Gostoso — seu rosto suaviza, ela alisa meu cabelo colocando para trás da orelha e eu aproveito para pegar meu beijo de bom dia com gostinho de chocolate.



Ao chegamos à empresa, eu fico maravilhada com o tamanho do local. Sérgio me informa que ele trabalha no sexto andar, na parte administrativa. Diz também que no segundo andar funciona a editora, ele fala sobre os outros locais, mas eu não gravei nada, minha intenção era só saber da editora mesmo.

Entramos na sua sala e eu sento na cadeira extremamente confortável atrás de sua mesa. Lembro-me de vários romances que li em que o CEO fazia amor... não, amor não, eles não fazem amor, eles fodem. Fico corada com o pensamento e percebo que Sérgio me observava enquanto isso.

— O que passa nessa cabecinha doida? — ele me pergunta sorrindo.

— Coisas — respondo na mesma intensidade.

Me levanto, puxo-o para sentar e me encaixo sentada sobre ele. No início parece desconfortável, mas levanto minha saia e tudo faz mais sentido.

A porta se abre e, seja lá quem for, nos pegou no flagra. Levanto arrumando minha roupa como consigo enquanto Sérgio faz o mesmo. Quero encontrar um buraco e enfiar minha cabeça quando vejo quem está lá parado, com uma verdadeira cara de ogro malvado, o senhor Otávio Oliveira, vulgo meu sogro.

— O que significa isso Sérgio! — ele fala e estremeço. Me leva a lembrar dos gritos do meu pai em casa.

— Rebeca? Ela pediu para... conhecer a empresa. Eu a trouxe para isso — Sérgio também parece nervoso ao falar.

Ergo minha mão para cumprimentá-lo e tento sorrir. É Obvio que falho vergonhosamente. Principalmente quando ele olha com asco para minha pequena mão estendida e não devolve o cumprimento. Se minha mãe é a rainha das vacas esse com certeza é o rei dos ogros.

Ele conversa com Sérgio distante de mim, ouço apenas cochichos e aproveito para imaginá-lo como naqueles livros épicos em que o príncipe mata o ogro feroz e nojento salvando a princesa virgem do seu castigo. No meu caso, não mais virgem, graças a Deus, obrigada.

Acabo me enrolando toda quando deixo escapar um pequeno riso, chamando a atenção do poderoso chefão e sua cria.

“Vermelho, é cor do sangue que corre em minhas veias,

Vermelho, é a cor que escolhi para minhas peças íntimas de hoje, afim de provocar meu marido em seu escritório e viver uma aventura regada de sexo e depravação,

Vermelho, é” ...

A cor que está a minha cara de vergonha enquanto meu sogro me olha como se fosse me jogar pela janela. Acabou com o meu poema.

— Pai, eu vou conversar com ela, pode deixar.

— Espero que sim. — Senhor Otávio diz apenas.

Ele coloca as mãos no bolso do terno e fica ali parado esperando para ver o que o filho fará a sua esposa indigna. Solto uma respiração profunda, já que a prendia desde sua mirada terrorista a minha pessoa. Corro para abraçar meu marido e ele me afasta sem devolver meu carinho.

— Vou pedir para que alguém te leve para casa

— Como? Porquê? Nem cheguei direito, eu quero conhecer a editora.

— Não dá Rebeca! Isso aqui não é assunto para você, seu lugar é em casa.

Oi? Alguém acende a luz, por favor!

Cruzo meus braços na frente do corpo em forma de protesto.

— Não vou. Essa empresa também é minha e eu quero conhecer a editora.

— Ninguém te perguntou nada Rebeca, deixa de ser infantil — Sérgio fala comigo enquanto digita algo em seu celular.

Não posso explicar o quanto meu coração dói nesse momento, descruzo meus braços e minhas lágrimas começam a descer pelo rosto sem pedir

permissão.

Ouço a risada do meu sogro e o som da porta se fechando e percebo que ele saiu da sala.

— Rebeca. Você está chorando? Por causa disso? — Sérgio se aproxima e pega meu rosto em suas mãos e eu me recuso a olhá-lo nos olhos.

— Beca... Beca desculpa, mas não vai dar, eu...

Não o deixo falar, apenas saio do seu aperto e me dirijo à porta para sair. Ele me agarra um momento antes de conseguir sair e novamente me vira para ele me prensando na porta.

— Beca meu amor, não vai sair assim, o que as pessoas vão pensar se te verem chorando?

— Vão pensar que fui maltratada pelo meu marido — falo sem olhá-lo.

— Não é assim Beca — Sérgio encosta a testa na minha e respira fundo, depois de um tempo eu me acalmo e ouço Sérgio falar novamente.

— Tudo bem então. Te levo para ver a editora, está bem? Fica feliz agora?

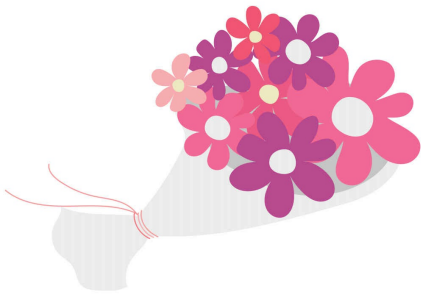
Não consigo sorrir e balanço a cabeça negando.

— E se eu te der um beijo? Fica feliz? — Sérgio

me pergunta enquanto acaricia meu rosto.

Balanço a cabeça afirmando, mas não porque me rendi, simplesmente porque tenho algo preparado para ele quando votarmos para casa, e Sérgio irá pagar, duramente por ter me envergonhado dessa maneira.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

S É R G I O

Rebeca cumprimenta a todos, inclusive as plantas que estão enfeitando o local, ela não tem limites, pega na mão, sorri, aceita alimentos, com isso quase não chegamos ao meu escritório. Como pude cair novamente na sua conversa? Entre uma chupada e outra eu simplesmente permitir que a ela tudo que me pediu sem nem sequer ouvir o que ela dizia.

Sou um fraco, tenho muito que aprender com meu pai, aliás, como ele consegue? Acho que minha esposa tem algum defeito só pode ser isso, nunca vi minha madrasta desobedecê-lo, e agora mais que nunca não entendo como ele consegue essa façanha.

Após o episódio vergonhoso que passei em sua frente, novamente me rendi à minha mulher e estou caminhando com ela pela editora. Rebeca não

perde a oportunidade de me agradecer, me beija e me abraça toda hora, sem nenhuma vergonha das pessoas olhando.

Meu pai vai ficar furioso, mas não tenho o sangue frio dele para ver Beca com aqueles lindos olhos castanhos cheios de lágrimas e não fazer nada. É só um passeio, depois ela nunca mais pisa aqui.

— Sim! Esse aqui fala sobre um romance tórrido de uma secretária com seu chefe, mas de uma maneira diferente, entende? Ela não queria de maneira alguma se render a ele, e ele estava apaixonado! — ouço Beca conversando com alguns funcionários atentos ao que ela diz.

— Mas isso não é a mesma coisa desse outro aqui? — um deles ergue a capa de um livro que para mim são todos iguais.

— Nunca! Neste a secretária é a apaixonada e quem não quer nada é o chefe! Entendeu a diferença?

Eles afirmam como se ela tivesse dito a coisa mais espantosa do mundo.

— Rebeca, vamos. — digo para que a conversa não se estenda mais.

— Espera, mas Rebeca, e se você lesse esses novos livros aqui e escolhesse dentre eles um ou dois para nós lançarmos? — Nosso Editor chefe fala e me olha em seguida.

— Eu iria...

— Não! Ela não pode. Só veio visitar a empresa — corto na hora sua divagação. Já pensou? Rebeca trabalhando na empresa? Meu pai me mata e come meus fatos com farinha.

— Seria ótimo para empresa, que você, uma das chefes indicasse um livro para ser lançado. Aliás, não temos muitos entendedores desse gênero por aqui, ajudaria e muito nossa produção. — Fala Marília, uma de nossas colaboradoras.

— Sim! E ela poderá trabalhar em casa e vir apenas alguns dias na semana, nada demais — outro concorda e sinto que não vou ganhar fácil essa batalha.

— O que acha Sérgio? A editora está precisando de corte nos gastos e sua esposa se ofereceu para

ajudar, não seria maravilhoso?

Eles ficam me olhando com expectativa. Não sei o que dizer, minha cabeça gira entre obedecer ao que meu pai falou sobre mantê-la longe dos negócios e sobre o melhor para a editora que de todas tem sido a que mais teve baixa nos ganhos.

Assim que olho para Rebeca eu decido por dar uma resposta mais leve, para não a deixar mais triste do que estava.

— Nós vamos conversar melhor sobre isso em casa, pode ser? Depois dou a resposta. Agora temos que ir.



Depois do almoço, mandei Rebeca para casa com um motorista da empresa. Ela não queria, mas não podia deixar que meu pai a visse e a maltratasse novamente.

Quando terminei meu trabalho, resolvi beber algo com meus amigos no Enterprise e aproveitar para ver como andam as coisas por lá.

Eles estão curiosos para saber como vai o

casamento e eu começo lembrar as loucuras da minha mulher, só consigo sorrir e dizer:

— Uma delícia!

— Delícia? Delícia é aquela gatinha que está vindo para cá. Já que sou o único solteiro da mesa, pode deixar que eu pego ela de jeito — Jorge fala e sorrimos da sua gracinha. No entanto, meu sorriso morre no mesmo instante que me viro para olhar quem era a gatinha a quem ele se referia.

R E B E C A

Onde você está?

Mando uma mensagem para Sérgio furiosa da vida. Já passa das onze e nada dele chegar.

Estou no Enterprise, já volto para casa.

Enter o quê? Busco no meu amigo Google o que diabo é Enterprise e fico pasma com o que descubro. Se ele está pensando que eu vou ficar em casa enquanto ele fica se esfregando com outra em um boteco ele está redondamente enganado.

Sigo para dentro do quarto soltando fogo pelo nariz enquanto escolho a roupa mais provocante que tenho no guarda-roupa.

Péssimo dia que ele escolheu para me fazer raiva. Não demoro me arrumando e o taxi chega, hoje eu me acabo de dançar e Sérgio que fique com os ensinamentos do seu pai ogro.

Fico abismada com as mulheres lindas e seminuas que vejo por lá, novamente me lembrei de algumas histórias que li. Guardo na memória

algumas coisas para anotar quando chegar em casa, tive uma ideia incrível de um novo roteiro, assim que começar a escrever meus livros vou dar meu jeito de lançá-los, não quero nem saber, Sérgio e seu pai que segurem seus hormônios porque eu estou chegando.

Rapidamente encontro meu amado esposo e sua trupe de amigos em uma mesa na ala VIP do local. Então é assim, como dono ele tem acesso a qualquer uma que quiser certo? Errado, porque esse corpinho aqui ele não terá por um bom tempo.

Meu vestido preto chega a ser longo se comparado aos que vi por aqui. Faço uma nota mental para lembrar de comprar um desse depois, mais curto e mais apertado.

— Nossa que delícia — o amigo de Sérgio fala e é cortado na hora pelo grito do meu estimado marido.

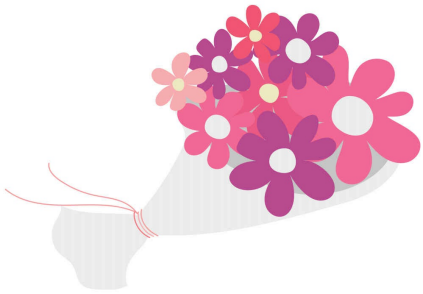
— Rebeca! — Sérgio levanta furioso de onde estava sentado — O que faz aqui? Eu não disse que já estava voltando para casa?

— Sim. Só que eu acabei de chegar e adoraria uma bebida — Jorge, que ficou meio sem ação

após me reconhecer me estende um copo.

Não me sento, vou para o parapeito do local e admiro tudo dançando no balanço da música. Sinto Sérgio encostar e me arrepio toda, esse lugar me inspirou a escrever um novo livro, um desses, chamado hot, e Sérgio vai me ajudar a criar as cenas dele.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 11

R E B E C A

— Sérgio! Eu já pedi desculpas! — Falo com ele novamente, mas ele ainda se recusa a responder.

Desde o dia da boate ele está assim, não entendo o porquê, foi ele quem foi para aquele lugar primeiro, eu só aproveitei o momento.

— Depois fala que eu é que sou infantil — o provoco.

— Infantil? Infantil? — ele fala com raiva, depois fecha os olhos, respira e continua a falar — Infantil Rebeca foi o que você fez, você me envergonhou na frente dos meus amigos.

— Absurdo! Eles adoraram o show — Ele fecha mais ainda a sua expressão e meu coração mole acaba por querer parar essa discussão.

— Me perdoa amor. Eu pensei que era disso que você gostava, por isso subi lá. — falei manhosa me aproximando e quando ele permitiu que encostasse

meu corpo eu massageei sua nuca com uma mão e apertei seu quadril no meu com a outra.

— Você disse que ia ao banheiro. Eu fiquei em estado de choque quando te vi naquele palco vestida apenas com uma... de lingerie e máscara.

— Você nem me reconheceu. Demorou foi tempo babando na dançarina mascarada.

— Reconheci no exato momento que virou e vi seu sinal. Meu Deus Rebeca! Você não tem juízo...

— Juízo? E o que meu amado esposo fazia naquele lugar quando podia estar disfrutando de tudo isso — passo as mãos pelo meu corpo, de cima para baixo parando em meus seios, para dar ênfase ao que estou falando e percebo que ele acompanha minhas mãos com o olhar. — Você bem que gostou da dança, estava todo babão com o pau duro querendo me alisar, seu safado!

Dou um tapa em seu braço.

— Não vem não, era você ali, não pode ter ciúmes de você mesma — ele se esquiva de mais um tapa.

— E se não fosse eu? Estaria da mesma forma!

— não quero mais brigar. Meus olhos enchem de lágrimas e me viro para ir para meu quarto querendo sinto sua mão em meu braço.

Sérgio me puxa e me abraça com carinho.

— Nem vem, sou eu quem está com raiva, você fica aí em boates de strip de olho nas dançarinas e eu que levo a bronca. — tento sair do seu aperto sem muito esforço, só para fazer manha mesmo.

— Tá bom. Eu não pensei que isso iria te fazer mal e quero que me perdoe por isso — olho para ele desconfiada.

— Isso foi muito rápido. O que você tem em mente?

— Nada, só não quero mais que faça aquilo para outros caras. Só para mim — Sérgio me acaricia com desejo e entendo sua jogada.

— Você gostou não foi descarado? — ele sorri e confirma. — Faço para você sempre que for um menino bonzinho.

Nossa conversa séria já era no momento que ele me ergue e cruzo minhas pernas em seu corpo para me sustentar.

— Promete não ir mais naquele bar cheio de mulher pelada? — falo enquanto beijo seu pescoço.

— Aquele lugar é meu, eu tenho que ir lá — paro o que estava fazendo e olho bem fundo em seus olhos, demonstrando que não gostei nada da resposta.

— Mas eu não preciso entrar lá sempre... só acompanhar pelo escritório já resolve — ele completa me fazendo sorrir e voltar a beijá-lo.



Ouço Ana bater levemente na porta do nosso quarto. Olho o relógio e são quase nove da manhã. Ana é uma anja que contratamos para me ajudar em casa. Sérgio e eu aproveitamos bem à noite e nos reconciliarmos. Esse “sexo pós briga” foi de longe o mais intenso, quente e saliente que tivemos.

Ele sempre quer me agradar de alguma forma e torna-se uma delícia na cama, e eu, claro, me esbaldo em toda sua gostosura.

— Oi — respondo pela fresta que abro na porta.

— Senhora... quer dizer Beca, é a sua mãe, o

que falo para ela?

Droga! Minha mãe não! Olho apreensiva para cama e agradeço por Sérgio ainda estar nela.

— Diz que estamos dormindo e que depois eu ligo.

Ana afirma com um movimento e me olha com olhar pesaroso. Ela já sentiu na pele o veneno da dona Luiza. Desde que cheguei que ela tenta me visitar, já me escondi no armário e até pela porta dos fundos eu já fugi da sua perseguição. Prefiro ouvir Latino o dia todo a passar um minuto com ela novamente.

Mal fecho a porta e escuto sua voz irritante. Ela subiu as escadas! Acredita nisso?

“Como assim? Rebeca! Rebeca!”

Não! Não! Não! Não! Penso rápido em alguma coisa, é quando vejo Sérgio se remexer e me procura pela a cama e tenho a ideia perfeita.

Tiro minha camisola e me jogo encima do meu marido desprevenido gemendo alto.

— Isso Sérgio! Ahh! Amor que delícia! Me chupa gostoso vai! Aaahhh!!

Ele não entende nada a princípio, mas depois vai entrando no clima e acabamos os dois dignos de um Oscar como verdadeiros protagonistas e estrelas do gênero pornô.

E a vaca mor? Dispensada com êxito! Glória a Deus!

— UAU! Que foi isso? — Ele me olha suado, respirando forte e sorrindo como um menino que acabou de ganhar seu presente dos sonhos.

Não quis mais discussão hoje, por isso não fui à empresa, ele disse que iria pensar e eu vou terminar de escrever meu romance enquanto espero. Não é como se ele fosse me proibir de alguma coisa, desse mal eu não sofro mais. Ele querendo ou não eu vou publicar minhas obras, trabalhar e fazer alguns cursos que tenho em mente.



S É R G I O

Ainda bem que a reunião com meu pai foi rápida, mais uma vez esse assunto de não deixar

Rebeca isso, não permitir Rebeca aquilo... isso está me enchendo. Porque não posso deixar minha esposa fazer o que gosta? Rebeca precisa, e muito, de coisas para fazer que distraiam aquela cabeça cheia de ideias que ela tem.

Sorrio imaginando como gostei da forma que ela se entregou essa manhã, gemendo igual uma louca, meu amigo aqui já está empurrando meu zíper animado por voltar para casa, coisa que nunca gostei antes, voltar para casa.

Agora marco o tempo que estou fora, sinto tanta saudade que acabo tendo que ligar ou mandar alguma mensagem para saber dela. Nem sempre preciso recorrer a isso, Beca obviamente, sempre me manda uma foto de alguma parte do seu corpo só para me deixar mais louco.

Eu cai como uma criança inocente, espero que meu pai não tenha razão e que meu casamento fuja a sua regra porque eu estou completamente apaixonado pela minha esposa doida. Doida e gostosa.

Em casa, encontro Beca imersa escrevendo no notebook que lhe dei, ganhei muitos beijos e um

oral fabuloso por isso. Ela ergue a cabeça e quando me vê me sorri, tudo parece fazer sentido nesse momento, sinto-me com se não houvesse nada de ruim no mundo e que tudo que eu preciso é apenas estar com ela.

Rebeca percebe meu olhar, se levanta e vem em minha direção. Como de costume, ela retira a minha gravata em um movimento puramente sensual, abre os botões da minha camisa e beija meu pescoço. Eu que já estava pronto fico em ponto de bala.

Percebo que novamente ela está vestida com uma das minhas camisas sem nada por baixo, o que facilita e muito meu trabalho de despi-la. Aproveito para saborear seus seios deliciosos a acariciar seu corpo. Esse é o nosso momento, onde me esqueço de tudo e ela se aproveita da minha fraqueza para me persuadir as suas vontades.



— Não Rebeca! Isso não! — Falo com bastaste força para ver se ela desiste.

— Ah amor! Você prometeu — não lembro de ter escutado algo sobre minha bunda nesse processo.

— Não mesmo, esquece. — tapo com as duas mãos o alvo em questão e encosto-me ao sofá para maior proteção da área.

— O quê? Traz já essa bunda gostosa para cá que eu vou morder ela sim!

Ela pendura no meu pescoço e me beija, nem sabia que tinha um ponto fraco até ela localizá-lo.

— Eu. Vou. Te. Tocar. Onde. Eu. Quiser. — disse isso beijando-me em cada pausa.

É o momento em que sinto meu corpo tornando-se uma massa mole, sorrio para ela. Adoro seu carinho não posso mais negar isso. Nunca gostei que me tocassem, mas quando Rebeca o faz, todo o tempo, apenas para ser mais exato, eu não sinto repulsa, quero que continue, quero sentir seu cheiro e que fique sempre em meu colo, já percebi que é o seu lugar preferido da casa.

— Você é uma delícia, seu corpo é maravilhoso e você não pode me tirar esse prazer de me

aproveitar dele, além do mais, é para o meu livro, preciso saber como funciona — ela fala manhosa, nua pendurada em mim. Golpe baixo.

Acho graça da sua proposta, reajo com amor e desejo, meu coração também bate forte e apaixonado. De fato, não negaria nada a ela. Nem sequer uma mordida nos glúteos.

Só espero que ela pare por aí.



Estamos deitados no sofá, cansados pelas estripulias que Rebeca insiste em testar para adicionar ao seu livro. Ela deitada sobre mim enquanto acaricio suas costas e seus cabelos.

— Beca

— Sim

— Você pode ir comigo para editora.

Ela parece não entender a princípio. Depois de um tempo ergue a cabeça do meu peito sorrindo.

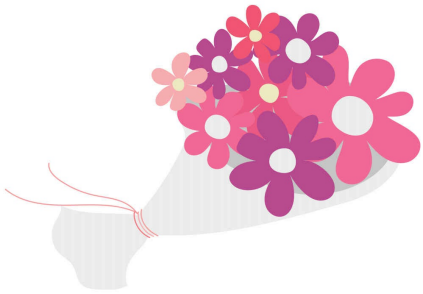
— Sério? — afirmo com a cabeça sorrindo também.

Meu pai que proíba a esposa dele do que ele quiser porque eu não vejo mal algum na minha garota trabalhar fazendo o que ama. Já li algumas coisas que escreveu e de fato são muitos interessantes, podem trazer uma inovação a mesmice que estamos enfrentando.

Recebo muito beijos pelo rosto, depois ela simplesmente para, me olha e diz algo que nunca imaginei ouvir de ninguém, algo que me toca profundamente e me faz enxergar que é exatamente isso o que eu também sinto.

— Eu amo você meu amor. Meu marido. Meu amigo e meu amante apaixonado. Ah! E agora meu CEO.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

R E B E C A

Minha primeira semana foi maravilhosa, cansativa, mas maravilhosa.

Aprendi várias coisas sobre edição de livros e revistas, além de mostrar meu trabalho para minha amiga revisora Fernanda, que se disse apaixonada pelo meu livro.

— Mulher do céu! Eu amei! Me diz que vai ter continuação! Por favor, eu preciso saber o que aconteceu com o Mike, ele precisa de um livro só dele — Fernanda fala toda empolgada.

— Sério, Fê? Você não brinca com essas coisas, eu morro se você estiver mentindo só para me agradar.

— Para, viada! Tu arrasa! Só vou dá aquela revisada no texto e pronto, não mudo nada, tá perfeito. Agora precisamos de uma capa, já até sei como será.

Estamos conversando e almoçando juntas quando dois homens que também trabalham na empresa se juntam a nós na mesa, conversa vai, conversa vem quando vou levantar, escuto uma voz de trovão tão assustadora quanto a do meu pai atrás de mim.

— Rebeca! — me viro e dou de cara com meu sogro nada feliz.

— Oi senhor Otávio, como está? — estendo a mão e dou meu melhor sorriso falso, tão falso, mais tão falso que dói e minhas bochechas tremem.

Ele olha novamente com desprezo para minha mão e não devolve o cumprimento, depois olha para mesa que estava sentada e balança a cabeça em negativa. Volto minha mão abandonada para seu lugar de origem e acabo com aquele doloroso sorriso. Ele é um ogro que fica tentando “ogratizar” o meu amor, não vou deixá-lo me atingir com seu mal humor. Deve ser prisão de ventre, penso, e infelizmente um riso sai sem querer e finjo uma tosse para esconder que estava tirando um sarro dele.

— Sérgio precisa tomar uma atitude, eu pensei

que ele tinha sido bem claro com você. Acho melhor voltar para casa. Até onde sei nem sequer estudou para poder trabalhar aqui, meus funcionários, principalmente as mulheres — ele me olha com desprezo — são pessoas com ótimos currículos e indicações. Já disse e repito, seu lugar Rebeca é em casa, providenciando um herdeiro para que essa palhaçada acabe logo.

Não faço muita força para esconder minhas lágrimas, elas simplesmente fluem naturalmente pelo meu rosto, tamanha à forma que me senti ofendida.

— O Senhor está errado pai! — escuto a voz de Sérgio e procuro sua localização no restaurante. Ele se ergue de uma mesa e se aproxima de nós. Será que estava lá todo tempo e eu não vi?

— Rebeca desempenha um excelente trabalho na editora, se quer ter certeza, pode perguntar aos seus funcionários escolhidos a dedo.

Sérgio me abraça, limpa minhas lágrimas e me dá um beijo, fazendo meu coração explodir, ele está me defendendo do ogro malvado.

— Eu mesmo avaliei seu potencial, ela tem

ótimas histórias e muita criatividade, vai crescer bastante ainda, e tudo que puder fazer para ajudar eu irei, inclusive defendê-la do senhor.

Sorrio olhando meu príncipe - totalmente encantado neste momento - ele me devolve o sorriso e me beija novamente. Acho que ele está apaixonado por mim, eu sinto isso. Ele não diz, mas demostra bastante.

O Ogro mor, que com toda certeza daria uma bela dupla com a vaca mor, apenas assente friamente com um movimento quase imperceptível, se vira e sai do local deixando seu rasto de gosma pelo caminho, o que me deixa extremamente enjoada.

Coloco a mão na boca para evitar a vergonha de vomitar no meio de um restaurante e sento ainda tonta, sentindo minhas pernas tremerem pelo medo que senti ao ouvir suas ofensas.

— Beca meu amor, você está bem? — Sérgio pergunta preocupado.

— Estou sim — ele abaixa na minha frente e eu o abraço apertado — Obrigado meu amor, eu te amo tanto. Você estava ali esse tempo todo?

— Estava, mas não quis atrapalhar sua interação com o pessoal — ele olha as pessoas e sorri cumprimentando-as. Meu príncipe não foi contaminado com a gosma do ogro negro.

Isso vai me render uma boa história infantil. Gostei.



Chegamos em casa juntos, mas não perdi a chance de retirar a gravata do meu marido e beijá-lo no processo, acho isso tão romântico, não sei explicar a razão.

Tenho uma vontade enorme de comer algum doce, minha boca chega salivar. Aprendi fazer brigadeiro na panela e decido que é isso que minhas lombrigas pedem nesse momento. Após tomar um banho bem gostoso corro para cozinha para preparar.

— Olha amor que delícia! — Sergio se aproxima de mim de pijama e sem camisa. Percebo que ele está cada vez mais a vontade.

Ele fica olhando a panela sem muito interesse.

— Você vai engordar se comer isso. — ele acaba com todo o tesão do momento com poucas palavras.

Olho para ele com a cara fechada, magoada e imediatamente ele percebe a merda que fez. Abaixo a cabeça e devolvendo a panela para mesa, ia jogar fora, mas fiquei com dó.

— É verdade — digo de maneira tão triste que tenho certeza, que se ele tiver um coração, ele sentiu minha dor.

Saio da cozinha fungando, percebo que Sérgio pega a panela e me segue, arrependido.

— Princesa desculpa — implora — Me perdoa amor, você é linda, eu sou um idiota por ter dito aquilo, não queria te magoar. Me perdoa.

Eu até tento sorrir e mostrar que está tudo bem, mas meu rosto mostra o quando fiquei ferida com que ouvi. Sérgio quebra a barreira que sempre teve de ser o primeiro a me tocar e me abraça carinhoso.

— Perdoa amor. Me diz o que posso fazer para que você me perdoe, hã?

— Deixa pra lá príncipe, você tem razão. — um

pouco de drama nunca é demais. Sento-me no sofá, não no colo dele, mas no acento do sofá.

— Não tenho não — Ele deixa a panela na mesa de centro e me pega no colo, sorrio com o movimento rápido.

— Esse é o lugar que você ama ficar, então é aqui que vai ficar sempre.

Ok! Certo! Ele conseguiu se redimir, foi um golpe de mestre. Mostro um sorriso espontâneo, para que ele perceba que já estou melhor.

— É aqui que vou te pedir perdão e é aqui que... — ele respira forte ante de continuar falando e sinto que é algo muito importante — É aqui que eu quero te dizer... que eu... eu te amo Rebeca... eu nunca disse isso antes, a ninguém.

Minhas lágrimas embaçam minha visão, percebo que ele também tem algumas nos seus olhos, tocamos o rosto um do outro ao mesmo tempo e achamos graça disso.

— Eu amo você meu amor. Minha esposa. Minha amiga. Minha amante e minha... mulher — sorrio por ver que ele usar minhas palavras, mas

não dizer que sou sua funcionária, o que seria o certo para a sequência.

— Não sou sua funcionária? — falo manhosa e me ajusto em seu colo para que possamos ficar mais encaixados e próximos.

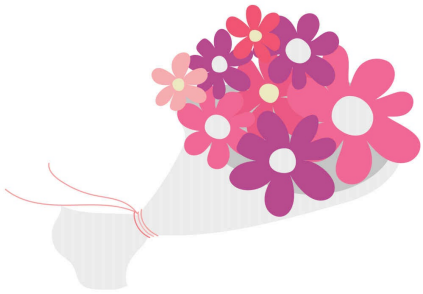
— Não, você é a dona do meu coração. Sou simplesmente seu escravo apaixonado. — Agora ele tira de mim uma gargalhada gostosa. É bom ouvi-lo sorrir também.

— Meu escravo sexual — Dou uma lambida em seus lábios e o sinto reagir embaixo de mim.

— Todo seu.

O brigadeiro virou um requinte ao nosso momento de amor. Não sei quantas vezes o ouvi dizer que me amava, mas acredito que ele está só começando. Adorei todas, principalmente aquela em que ele estava gemendo no meu ouvido enquanto chegávamos ao nosso ápice, mais uma vez.

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

R E B E C A

Sábado e Domingo são os dias em que mais me desespero para sair de casa, para não ter que receber visitantes indesejados, tipo a da vaca mor, mas infelizmente, Sérgio tem uma reunião importante com investidores estrangeiros e me pediu para ficar em casa, pois teríamos que receber as nossas respectivas famílias para jantar.

Sim, a vaca mor finalmente me encontraria em casa e destilaria todo seu veneno guardado de uma só vez, temia pela minha vida, ela juntamente com o Ogro mor, fariam desse jantar um verdadeiro conto de terror. Eu não poderia fazer nada, já estava marcado a semanas.

Pensei em preparar algo como uma carne de morcego ao molho de jacaré, acompanhado de perninhas de lagartixas, salpicada de teias de aranha refogadas na cebola, e de sobremesa, pudim

de baba de naja, mas, não encontrei alguns ingredientes. Então, vamos de comida humana normal.

— Posso colocar caco de vidro no prato dela Ana?

— Ficou louca menina! Claro que não.

Fico enjoada quando sinto o cheiro da comida sendo preparada e saio correndo da cozinha, ainda ouço Ana reclamando da minha inexistente ajuda quando fecho a porta do banheiro para tomar um banho.

Estou pensando em usar uma daquelas maquiagens superleves estilo Drag Queen com meu mais decotado vestido, que deixaria até mesmo a Lady Gaga aos meus pés, mas novamente não disponho do material que preciso.

Esperneio no quarto, fazendo birra para mim mesma, enquanto respiro fundo segurando o choro e procuro alguma roupa que possa deixa minha mãe com vergonha da minha existência.

— Porque não comprei aquela fantasia de gata?

Escolho um tomara que caia rosa claro, soltinho.

Seu comprimento vai até o joelho e fico me perguntando: onde foi parar sua rebeldia garota? Cadê as roupas provocantes de cores berrantes que você disse que usaria?

Não sei, respondo para ninguém mais que o meu eu interior.

Gosto desse estilo romântico, tecidos leves e floridos, não uso muito salto, apenas para algo muito social e importante. Sérgio sempre disse que estava linda, apesar de que gostava bastante da parte que ele tirava toda minha roupa. Eu gosto também, não nego.

Seguro meus seios e sinto-os um pouco doloridos, imagino que esteja na época de ovulação, sempre fico sensível nesse período.

— Posso segurar também? — ouço meu amado esposo falar encostado na porta do quarto.

Olho para ele com uma cara de quem gostou bastante da ideia e ele coloca suas mãos tomando o lugar em que as minhas estavam, arfo ao senti seu beijo em meu pescoço junto com sua carícia em meus seios doloridos.

Ele sobe com os beijos e chega bem perto da minha orelha, sinto vontade de cancelar esse jantar e devorar ele todinho, no entanto, meu eu interior começa a tagarelar em meu ouvido: se controla mulher! Que fogo é esse?

Gemo por puro desgosto quando ele se afasta.

— Gostosa — Sérgio me beija e no final prende meu lábio nos seus antes de solta e seguir para o banho. É um provocador.

— Volta aqui, eu tô pegando fogo!

— Percebi. Pode deixar que mais tarde minha mangueira dará um jeito nesse seu fogo.

Sorrimos juntos, é maravilhoso esse novo rumo que nosso casamento tomou. Antes eu fazia tudo, iniciava a conversa, as brincadeiras, os carinhos, Sérgio era sempre sério, cheios das ideias plantadas pelo machismo do pai. Agora ele também está mais solto e sempre vem com alguma surpresa. Me dá flores, me puxa para seu colo quando tento sentar em outro lugar. Sinto que estou andando nas nuvens.

Os convidados, não tão especiais assim, chegam

praticamente juntos. Minha mãe me olha de cima a baixo, respira e engole seu veneno já que meu amado marido está ao meu lado e ela não pode falar nada. O pai dele parece o sapão daquele desenho “Por água abaixo”, com o papo cheio dentro da minha sala.

Fico segurando o riso enquanto imagino minha mãe engasgando com seu veneno e tossindo e ele explodindo os botões do terno de tanta pompa que ele mostra.

— Rebeca minha filha, podemos conversar um instante? — minha mãe diz após o silencioso e constrangedor jantar.

Olho para Sérgio pedindo socorro e ele faz sinal de que não pode fazer nada e eu acabo levando e seguindo-a até o andar de cima. Sinto o gelo vindo de seu corpo no instante que piso no primeiro degrau. Minhas pernas tremem um pouco e me seguro para não cair da escada. Bem que ela iria adorar isso, Nazaré dos infernos.

— Então, estou vendo que não manteve os valores de esposa que te ensinei.

Isso não foi uma pergunta então não respondo

nada.

— Rebeca, vim aqui várias vezes e fui extremamente desrespeitada por você, o que seu marido e sua família vão pensar de uma mulher que não recebe a mãe? — ela fala em um tom forte, porém quase sussurrando.

Isso foi uma pergunta, não foi? Eu tenho que responder? Meus dois eus discutem dentro de mim e quando abro a boca para falar sinto uma mão em minha cintura. É Sérgio que chega para me salvar, sabendo do quanto essa mulher me faz mal.

— Dona Luiza, me desculpe, mas não vamos ser hipócritas aqui. Sabe exatamente a razão de Rebeca não te recebe em sua casa e eu estou completamente de acordo com minha esposa em relação a isso.

A vaca mor faz cara de ofendida, com mão no coração e tudo, ao ouvir o que ele falou.

— Meu Deus Rebeca, o que andou inventando para Sérgio sobre sua família?

— Não inventei nada, só falei a verdade — me sentindo mais corajosa agora, rebato, como nunca

antes, as palavras da pessoa que mais me maltratou na vida.

— Sei que nunca cuidou de Rebeca como uma mãe carinhosa, e que também a agrediu, inclusive no dia do nosso casamento. Sendo assim, peço, por favor, que avise, com antecedência, a sua visita a esta casa, de preferência quando eu estiver presente é claro. Uma vez ou outra, já que minha esposa agora trabalha, tem que dar atenção ao seu marido e não terá tempo para recebê-la quanto tiver vontade — Sérgio me olha com amor dando ênfase ao que diz para que ela entenda.

Ela vai saindo sem responder e ele segura seu braço impedindo-a de seguir.

— Entendeu bem senhora? — soa ameaçador para ela, mas para mim ele parece um daqueles guerreiros gregos maravilhosos em sua armadura brilhante montado em um cavalo branco.

Para de neura garota!

Mas que “eu” atrevido esse!

— Sim, entendi.

— E mais, não vou tolerar nenhuma agressão,

seja física ou verbal contra Rebeca, nenhuma.

Ela assente e Sérgio a solta para que vá e nos deixe em paz.

Ele ainda está com semblante pesado, mas quando se volta para mim seus olhos tornam-se carinhosos e seu sorriso brilha em seu rosto, tornando ainda mais lindo o meu príncipe encantado.

— Amo você — falo envolvendo-o pelo pescoço.

— Tudo por você meu amor, também te amo, muito. — Meu marido me envolve pela cintura e me beija com paixão.

Vivi para ver o dia em quem alguém abaixaria a crista daquela pessoa amarga que chamo de mãe, espero que ela tenha chance de mudar antes que o diabo venha levá-la.

Seu pai nem se atreveu a falar qualquer coisa ruim, apenas conversou sobre negócios com meu pai enquanto as mulheres fingiam gostar de alguma coisa uma da outra. Não quero isso para mim e minha família. Quero amor, quero verdade e

carinho.

Que Deus me perdoe, mas se for para receber esse tipo de influência irei manter meus filhos bem longe dessa família.

— O que minha princesa tanto pensa nessa cabecinha doida? — Sérgio me pergunta enquanto observamos todos irem embora, abraçados na porta.

— Estava pensando que...

De repente, algo fez sentido em minha mente. Não conto nada para ele na hora, mas agora entendi muita coisa que aconteceu comigo nesses últimos dias.

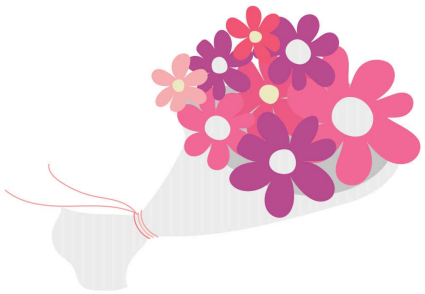
— Que te amo loucamente, meu herói de armadura reluzente e cavalo branco. — falo apenas vendo o sorriso do meu amado crescer em seu rosto.

— Gosto mais dos cavalos pretos — Sérgio me ergue em seu colo e fecha a porta — Mas agora, vamos voltar àquela conversa sobre mangueira e fogo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

S É R G I O

Ninguém tira da minha cabeça que Rebeca está aprontando algo, faz dias que ela está estranha, escondendo coisas de mim e saindo do trabalho antes do horário ou na hora do almoço sorrateiramente. Hoje eu pego ela no pulo, disse que não iria trabalhar porque não estava se sentindo bem e quando me preocupei querendo fazer algo ela simplesmente negou a minha ajuda e me botou para correr de casa.

Liguei para Ana e ela me afirmou que a patroa tinha saído de casa assim que eu sai. Minha raiva cresceu ainda mais quando ouvi meu pai falando mais uma de suas asneiras sobre a infidelidade e interesses femininos.

Ele precisa urgentemente se tratar, isso não é normal, sua mágoa vai acabar matando-o.

Saí mais cedo do trabalho preocupado, de hoje

não passa, Rebeca vai me explicar o que esta acontecendo e espero que não seja nada das merdas que estou pensando.

Assim que entro em casa topo com algo no chão, observo enquanto retiro meu Blazer e penduro. É uma caixa pequena, com um laço amarrado e uma mensagem que diz: abra.

Assim o faço. Dentro dela há um cartão decorado escrito: te amo, pegue a outra caixa na cozinha. Começo a me sentir mais leve, Rebeca deve ter preparado alguma surpresa para nós, mas não me lembro de nenhuma data importante. Não vou falar nada, sabe-se lá o que ela está comemorando, seja o que for, vou fingir que me lembro para fazê-la feliz.

Na cozinha, vejo uma caixa grande, também fechada com um laço. Nem sinal de Rebeca, sinto falta dela retirando minha gravata enquanto me aproveito do seu corpo sempre com pouca roupa em casa, uma delícia, só de pensar já me animo.

Abro a caixa grande e para minha surpresa tem outra caixa dentro, com outro cartão escrito eu te amo. Abro à próxima e me deparo com mais uma

caixa e um novo cartão com a mesma mensagem. Percebo que serão várias etapas de caixas até chegar ao que realmente é a surpresa, se é que tem alguma surpresa, ou será apenas uma pegadinha para Beca rir da minha cara depois.

Mais uma caixa e um eu te amo, outra caixa e outro eu te amo, assim chego até uma caixa pequena, do tamanho de uma caixa de pasta de dente. Assim que vou abrir Rebeca surge sorrindo com uma câmera na mão.

— Eu sabia que era uma pegadinha! O que tem aqui? Vai sair rindo de mim para o resto da vida não é?

— Não amor! Abre vai — ela não fala mais nada, fica gesticulando para que eu abra a caixa que parece ser a última.

Ainda estou receoso, tenho bastante nojo de insetos e fico pensando se ela não armou algo assim para me assustar, já que ela morre de rir quando fujo de matar uma barata ou um besouro qualquer.

— O que tem aqui Beca?

— Não vou contar, é surpresa. Abre logo, deixa

de ser medroso!

— Não sou medroso — faço um bico e Beca se aproxima só para me beijar, isso sempre funciona.

— Ok. Já vou avisando se for um inseto eu vou jogar ele em cima de você — falo olhando para câmera, de qualquer forma esse vídeo será uma lembrança boa de nossos momentos.

Assim que abro a pequena caixa de madeira enfeitada encontro um objeto que não sei bem o que é, semelhante a um termômetro, sei lá, algo assim. Pego o bastão na mão e encontro um cartão no fundo da caixinha. Abro e o que está escrito nele me faz perder todo o ar dos pulmões.

“Te amamos, Papai” com o desenho de um coração ao lado.

Olho para Beca que já chora abertamente e segura um par de sapatinhos vermelhos, enquanto tenta continuar filmando, e faço uma pergunta silenciosa que ela responde com uma afirmativa.

— Ai meu Deus! — Não ligo mais para a filmagem ou para minha cara de choro, puxo minha esposa para meus braços e beijo-a com um amor

que nunca pensei sentir na vida.

Nunca imaginei que esse momento seria assim tão lindo, pensei que era normal, a mulher chega e diz: estou grávida, então falaria: tudo bem, e esperaríamos o parto.

Nem de longe é só isso, não consigo largar dela. Rebeca coloca a câmera no armário para que consiga continuar nos filmando e volta para meu abraço.

— Amo você meu amor — é só o que consigo dizer, várias e várias vezes.

— Também te amo muito príncipe — Beca me responde em meio seu choro.

— Quando?... Como?... — Não consigo formar a pergunta direito devido à emoção que me tomou, jamais me senti assim, é tudo novo. Beca me mostrou um mundo cheio de amor que não imaginava que existia.

— Tem um tempo que me sinto diferente e como estava atrasada as meninas no trabalho me falaram que podia ser.

— Porque não me contou? Você passou mal? Eu

podia te ajudar...

— Não amor! Não passei mal. Eu quis te fazer essa surpresa. Sempre falamos sobre o quanto nossas famílias foram ruins nisso e que queríamos ser diferentes, então imaginei que esse momento teria que ser especial. — Beca fala e chora junto, está linda, ainda mais linda do que a última vez que a vi e isso foi hoje pela manhã.

— Sim meu amor... Eu amo você... meu Deus! Vou ser pai?

— Sim

— Você será a melhor mãe desse mundo, e a mais linda também.

Ela me sorri e nos beijamos apaixonados, me abaixo para beijar sua barriga, o lugar onde meu filho ou filha está guardado bem protegido. Sinto uma sensação maravilhosa instintiva de estar completo, de pertencer a algo importante... a uma família, a minha família.

— Te amo... meu filho — falo anda tímido querendo que meu bebê ouça e saiba que eu estou aqui.

Quando me levanto ergo minha amada nos braços, ela encaixa suas pernas e ficamos assim abraçados um bom tempo, sentindo todo esse carinho que emana por todos os lados dessa casa. Antes, eu que nunca queria voltar para casa, agora não quero mais sair daqui.

— Amor — Beca diz me empurrando de leve para que a solte, coisa que não faço porque a quero aqui no meu colo para sempre.

— Fala minha princesa — digo beijando todo seu rosto e pescoço.

— Preciso fazer xixi — paro de beijá-la para começar a rir.

Solto-a em meio a riso e resto de lágrima e ela corre para o banheiro. Preciso aprender mais sobre tudo isso de gravidez, encosto na porta do banheiro, tão perto que ouço o barulho dela lá dentro. Não me importo mais, Beca me ensinou a ser livre, a amar e ser feliz e ser eu mesmo, não aquele projeto de ogro como ela me chamava, mais o homem que sou, ou melhor, que me tornei ao seu lado.

Rebeca abre a porta e acha engraçado eu estar lá perto. Nem espero que pergunte apenas a abraço

novamente, é aqui que quero minha família, protegida nos meus braços, em meu colo.

— Me lembrei de quando nos casamos — estamos agarradinhos no sofá conversando.

— O que você lembra daquele dia? Eu só me lembro que queria casar e ir embora para longe do todos — ela responde.

— Eu não queria casar Beca — ela me olha triste e continuo — No início fiz apenas por obrigação. Assim que casamos, eu te achei uma doida e ficava pensando: "ela é comportada" eles disseram, "uma garota recatada" eles disseram, "não vai te dar trabalho" eles disseram e foi bem isso mesmo até aquele bendito sim. Eu aceito — Falo imitando sua voz fina e Rebeca acha engraçado.

— Eu não sou doida — fala manhosa e ganha um beijo gostoso no bico que fez.

— Você é bem doida, a doida mais linda e mais gostosa desse mundo. É a doida que amo com todas as minhas forças.



— Isso dói demais! — Ouço a reclamação de Rebeca ao sentir a picada do aparelho de tatuagem.

— Você que inventou, agora aguente — olho novamente para aquele pequeno símbolo tatuado em minha pele e sorrio. Só ela mesma para me incentivar a fazer essas loucuras.

Três corações entrelaçados e dentro do coração menor a letra G, inicial do nome da nossa princesa.

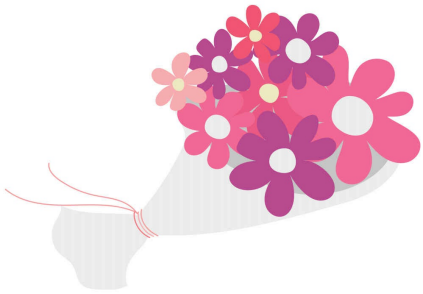
Nossa herdeira e, sobretudo, o sinal que marca um novo tempo para esta família, de amor, carinho e respeito, já avisei para os avós babões que se ensinarem qualquer coisa que seja diferente disso, eles vão ficar de castigo sem ver a neta, e até então, tudo anda muito bem.

Minha filha, já mostra a que veio, alegre, corajosa e amorosa, ela é uma cópia da doida no qual me casei, doida essa que amo mais que a mim mesmo, ela e a minha filha, Gisele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

SURPRESA!

— Por aqui Luiza, meu carro está logo ali.

Otávio Oliveira, vulgo "sOgro", acompanha a vaca mor para que cheguem ao automóvel, quando de repente um caminhão desgovernado surge na pista. Eles tentam fugir, mas infelizmente ambos são atingidos em cheio.

A pancada foi extremamente devastadora e seus pedaços ficam expostos espalhados no asfalto, olhando, ninguém saberia dizer quem é quem...

— Mãe! Ô, Mãe!

Ouço Gisele praticamente espancar os meus tímpanos e salto com o susto. Tento esconder meu caderno, mas a pimentinha percebe meu deslize e o pega furtivamente de mim.

— Paiê! A mãe tá matando o vô e a vó no livro dela de novo!

— Calúnia e difamação! Puxou isso do seu pai.

— Eu não sou fofoqueiro, a faladora aqui é você.

Sérgio entra no escritório e lê as poucas linhas do meu grito de vingança.

— Sua filha está me desrespeitando Sérgio, não vai fazer nada a respeito?

— Vou sim.

Sergio ergue Gisele nos braços fazendo cócegas na pequena e vem para perto, me agarrando na sequência da brincadeira.

— Cuidado com o bebê pai.

— Verdade.

Sérgio me abraça e se abaixa para beijar minha barriga de cinco meses do nosso segundo filho. Aproveito para apertar as bochechas da minha bonequinha fofoqueira.

— Amo vocês — falo carinhosa para todos os presentes, incluindo o intrauterino.

— Povo doido né, irmão? — Gisele diz encostada em mim, como se ela também não tivesse os genes do pai dela.

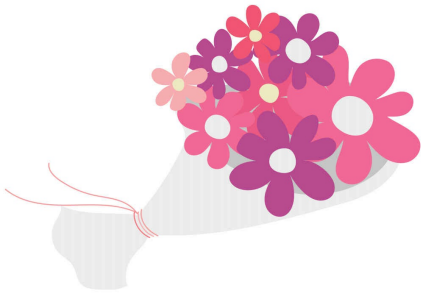
— A família mais doida que eu amo mais que a mim. Eu mato e morro por vocês — Sérgio se declara e lhe dou um beijo bem molhado em

resposta, provocando Gisele que faz careta e sai reclamando.

Rimos e ficamos olhando um para o outro, apaixonados como dá primeira vez, tudo só ficou melhor. O lançamento dos meus livros está sendo um sucesso. Sim, livros, no plural. A vida de casada e é claro! Sou uma mulher sexualmente experiente agora. Ninguém me segura.

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS





PERIGOSAS ACHERON

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças a cada dia. Recebi muito carinho em um lugar só, vocês arrasam como leitoras(es), me sinto honrada por ter cada um(a) de vocês aqui. Obrigada mesmo.

A escolha do nome da minha protagonista foi uma homenagem a Rebeca Soares, minha princesa linda que tem livros maravilhosos no seu perfil do Wattpad, já indico, vocês vão se apaixonar.

A minha BFF, Gisa R. Costa, que aguenta minha choradeira pelo WhatsApp toda a vida e sempre me incentiva a continuar, escritora também, segue lá! Seus livros têm tirado meu sono de tantas teorias que já criei, são maravilhosos.

A Zéfira Maia, uma amiga que me apoia e me ajuda com as correções dos textos, sempre me influenciando a melhorar. Seu livro “Contando Contos” está disponível aqui na Amazon, sou apaixonada por cada um deles, recomendo sempre por onde passo.

Aos grupos RDN e União literária, que me deram aquela força incrível e sempre me ensinam e me apoiam em todos os momentos.

Obrigada mesmo, por cada leitura, comentário e estrelinha do fundo do meu coração. Vocês fizeram deste conto um renovo para minhas forças.

Beijão e até mais!

Jack A. F.

Redes Sociais

E-mail: sodramas2016@gmail.com

Instagram: @autorajack_a_f

Facebook:
https://www.facebook.com/profile.php?id=100026442191581